



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FERNANDA GISELE BASSO

**OS PROCESSOS INTERACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NA ONG MAE**

Londrina
2014

FERNANDA GISELE BASSO

**OS PROCESSOS INTERACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NA ONG MAE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Gestão e Sustentabilidade – da Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marlene Regina Marchiori.

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B322p Basso, Fernanda Gisele.

Os processos interacionais no desenvolvimento sustentável na ONG MAE /
Fernanda Gisele Basso. – Londrina, 2014.
98 f. : il.

Orientador: Marlene Regina Marchiori.

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em
Administração, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Comunicação nas organizações – Teses. 2. Organizações não-governamentais
– Teses. 3. Desenvolvimento sustentável – Agentes facilitadores – Teses. 4. Proteção
ambiental – Participação do cidadão – Teses. 5. Interacionismo simbólico – Teses.
I. Marchiori, Marlene Regina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de
Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU 658.012.45

FERNANDA GISELE BASSO

**OS PROCESSOS INTERACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NA ONG MAE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Gestão e Sustentabilidade – da Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Marlene Regina Marchiori
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Saulo Fabiano Amâncio Vieira
UEL – Londrina - PR

Profª Drª Elisa Yoshie Ichikawa
UEM – Maringá - PR

Londrina, 24 de março de 2014

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ser terminado sem a ajuda de diversas pessoas às quais presto minha homenagem:

Aos meus pais Paulo e Meiri e irmãs Ana Paula, Pricila e Camila e toda minha família pelo incentivo em todos os momentos da minha vida.

A minha orientadora Marlene Marchiori, não somente pela excelente orientação, mas também pela amizade que se iniciou e pelo aprendizado fora do contexto acadêmico.

A ONG MAE e os participantes do grupo focal por também acreditarem neste projeto.

As para sempre amigas e colegas de UEL, Milene, Ana, Débora, Larissa, Daniela, Giovana e Letícia, que me sempre me ajudaram e pela amizade construída também fora da UEL.

Aos professores Elisa, Saulo e Aloízio pelas correções e ajuda no norteamento da dissertação.

Aos companheiros de todas as horas André, Franciellen, Raíssa, Lúcio e Débora.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo auxílio financeiro.

Aos meus alunos e colegas de trabalho pela compreensão e apoio incondicional.

A todos os professores, colegas e funcionários do PPGA, que ajudaram de forma direta e indireta na conclusão deste trabalho.

“Conhecer o homem - esta é à base de todo o sucesso.”

Charles Chaplin

BASSO, Fernanda Gisele. **Os processos interacionais no desenvolvimento sustentável na ONG MAE**. 2014. 98 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

As organizações podem ser compreendidas como espaços de interação entre sujeitos que ao construírem relações podem modificar o ambiente organizacional. Atualmente, uma das preocupações da sociedade é com a necessidade de se alcançar o desenvolvimento sustentável, entendido neste estudo, como uma possibilidade para que os indivíduos, em suas experiências possam se desafiar desenvolvendo as organizações e seus relacionamentos com a sociedade. Dessa forma, a interação se torna um possível caminho para o melhor entendimento sobre sustentabilidade nos processos organizacionais. Assim, esta pesquisa procura compreender de quais maneiras os processos interacionais fomentam o desenvolvimento sustentável na ONG MAE - Meio Ambiente Equilibrado. Inicialmente, percebeu-se a necessidade de evidenciar o que é desenvolvimento sustentável na MAE, para, em seguida, compreender de que forma os processos interacionais auxiliam no entendimento sobre desenvolvimento sustentável na MAE; e finaliza analisando como se mantêm os processos interacionais que fomentam o desenvolvimento sustentável da ONG MAE. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de abordagem qualitativa e estudo descritivo, recorrendo a coleta de dados por meio da observação participante, análise documental e de grupos focais, realizados com membros da MAE e líderes da região, cujos resultados em função da análise temática sugerem compreender como possíveis interpretações para a sustentabilidade, o entendimento sobre desenvolvimento sustentável e as ações da MAE como facilitadoras do desenvolvimento sustentável. Percebe-se que os membros da ONG MAE enfocam sua atuação na conscientização das comunidades para a preservação e proteção do meio ambiente, trazendo como contribuição deste estudo a possibilidade de entender a interação como um processo de exposição das questões ambientais e da contínua construção coletiva nesse ambiente.

Palavras-chave: Interacionismo simbólico. Desenvolvimento sustentável. Organizações não-governamentais. Comunicação.

BASSO, Fernanda Gisele. **The interactional processes in sustainable development NGO in MAE.** 2014. 98 p. Dissertation (a Master in Management) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

Organizations can be understood as spaces of interaction between subjects by building relationships can modify the organizational environment. Currently, one of the concerns of society is the need to achieve sustainable development, understood in this study as an opportunity for individuals, in their experiments can be challenging developing organizations and their relationships with society. Thus, the interaction becomes a possible way for better understanding of sustainability in organizational processes. Thus, this research seeks to understand the ways in which interactional processes promote sustainable development in the NGO MAE - Balanced Environment. Initially, we realized the need to highlight what is sustainable development in the MAE, to then understand how interactional processes assist in the understanding of sustainable development in the MAE; and concludes by analyzing how they keep the interactional processes that foster sustainable development NGO MAE. This research was developed from qualitative and descriptive study approach, using data collection through participant observation, document analysis and focus groups conducted with members of the EAC and leaders of the region, whose results according to thematic analysis suggest, understand possible interpretations as to sustainability, the understanding of sustainable development and the actions of MAE as facilitators of sustainable development. It is noticed that the members of the MAE NGOs focus on its role in community awareness for the preservation and protection of the environment , bringing as a contribution of this study the possibility of understanding the interaction as a process of exposure of environmental issues and the collective construction that continues environment.

Keywords: Symbolic interactionism. Sustainable development. Non-governmental organizations. Communication.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formas de aplicabilidade do Interacionismo Simbólico nas organizações.....	244
Quadro 2 - Conceituação de Desenvolvimento Sustentável	322
Quadro 3 - Estudos empíricos e suas particularidades	43
Quadro 4 - Justificativa para convite feito aos líderes preservando sua identidade.....	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVO GERAL	12
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
1.3	JUSTIFICATIVA	13
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	INTERACIONISMO SIMBÓLICO: CAUSA E EFEITO DOS PROCESSOS INTERACIONAIS	15
2.1.1	Contextualizando o Interacionismo Simbólico	18
2.1.2	O Valor da Linguagem para a Formação do Sujeito	20
2.1.3	A Sociedade Interativa	23
2.2	OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS E SUA ATUAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES	26
2.2.1	Da Interação Social para o Agir Comunicativo: a Abordagem de Habermas	28
2.3	A ORIGEM DOS ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	32
2.3.1	Sustentabilidade: a Redefinição das Necessidades	36
2.3.2	As Questões Ambientais: O Desenvolver de um Novo Pensar Organizacional	38
2.4	REFERENCIAL EMPÍRICO	40
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.1	CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA	45
3.2	INVESTIGAÇÃO DO CAMPO	46
3.2.1	Participantes do Grupo Focal	48
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	50
3.4	ANÁLISE DE DADOS	52
3.5	LIMITAÇÕES DA PESQUISA	52
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	54
4.1	DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO	54
4.2	AS FRENTES DE TRABALHO E PROTEÇÃO AMBIENTAL DA ONG MAE	56

4.3	VIVENCIANDO O CAMPO EMPÍRICO.....	58
4.4	COLETA DE DADOS DOS GRUPOS FOCAIS	61
4.5	GRUPO FOCAL 1: O DIÁLOGO DA ORGANIZAÇÃO	622
4.6	GRUPO FOCAL 2: O DIÁLOGO DAS LIDERANÇAS	70
4.7	ANÁLISE CONJUNTA DOS GRUPOS FOCAIS	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS.....	82
	APÊNDICES	93
	APÊNDICE A – CARTA CONVITE AOS MEMBROS DA ONG MAE.....	94
	APÊNDICE B - CARTA CONVITE AOS LÍDERES	95
	ANEXOS.....	96
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	97

1 INTRODUÇÃO

Organizações são realidades sociais construídas de forma compartilhada, compostas de estrutura organizacional, regras, políticas, objetivos, missões e procedimentos operacionais padronizados que desempenham uma função, sendo dependentes do modo como as pessoas pensam e dão sentido ao contexto onde trabalham (MORGAN, 1996). Para desenvolvimento de estudos nesse campo se faz necessário evidenciar a análise dos processos comunicacionais, o comportamento dos sujeitos e a percepção da organização como algo passível de inúmeras interpretações.

Dessa forma, é possível entender a formação das organizações por meio da comunicação entre os sujeitos (TAYLOR; CASALI, 2010) e, a partir dos diálogos e conversações entre os integrantes destes grupos sociais, compreende-se como são formadas os processos de trabalho e as culturas organizacionais. por isso se faz necessário compreender a comunicação como um processo estratégico para ações em uma realidade plural, dinâmica e complexa, na qual a comunicação não é apenas de natureza informacional (VIZEU, 2005), mas também relacional, já que trata de processos de produção e compartilhamento de sentidos (FRANÇA; MAIA, 2003).

Essas abordagens permitem perceber a comunicação como processo (MARCHIORI, 2010a) em uma realidade multifacetada, construída no contexto vivenciado pelos indivíduos em seus processos interacionais, os quais necessitam de um olhar centrado em questões que vão além das mensagens (MARCHIORI, 2010b; OLIVEIRA, 2009). Ao considerar a comunicação como um dos elementos que é base e auxilia na manutenção dos relacionamentos humanos, há de se considerá-la como prática fundamental nos diferentes ambientes organizacionais (FONTANILLAS; PALMIERI; OLIVEIRA, 2008). À medida que se processam as conversações entre os indivíduos, os ambientes se alteram e se renovam a cada novo ciclo interacional. Assim, as organizações são formações sociais, núcleos de decisões, cujas formas de socialização determinam sua configuração (RESTREPO, 2003).

A comunicação pode ser vista também como a constante busca da relação e do compartilhamento que, em virtude de sua continuidade, passa a originar processos (WOLTON, 2006 apud SCROFERNEKER, 2006), os quais por

serem contínuos, apresentam certa unidade, reproduzindo-se com certa regularidade (FERREIRA, 1999). Nesse processo, há fluxos comunicacionais e redes formais e informais, que equilibram e sustentam a realidade constantemente construída e reconstruída nas organizações.

Os fluxos comunicacionais são tidos como complementares na construção e no entendimento da realidade organizacional (BATISTELLA, 2012). É nesse processo e mediante interações, que se compartilham informações e ideias, construindo-se novos saberes nos quais os envolvidos passam a questionar suas convicções mais profundas (BOLZAN, 2005).

Pela interação, iniciada nas redes de relações, emergem os processos de construção e desconstrução, em uma constante organização, reorganização e (re)produção (CRUZ, 2007). Ao avaliar-se essa interação entre os seres vivos, deve-se considerar que ela desencadeia mudanças estruturais no meio social e ambiental, como resultado de sua própria dinâmica (MATURANA; VARELA, 2001), visto que a vivência em comunidade e as conversações diárias vão alterando os indivíduos, que, por sua vez, interferem no meio ambiente em que vivem.

Assim, o interacionismo simbólico se apresenta como uma das possibilidades teóricas para a compreensão dos processos de interação – ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca (BLUMER, 1990). O exame desses processos baseia-se num conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social (MEAD, 1934). Com isso, as relações sociais são vistas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo por parte dos membros da comunidade (JOAS, 1999) e não como algo estabelecido e independente de processos de mudança, refletindo na capacidade que a sociedade possui em alterar sua maneira de viver.

Conviver em sociedade requer que as diferentes organizações aprendam continuamente, a refletir sobre os próprios processos e práticas, além de torná-los em grupos sociais com diferentes características, o que torna quase inesgotável o campo de pesquisa organizacional. No caso específico desta pesquisa, a análise recai sobre as organizações não governamentais (ONG), em especial, a ONG Meio Ambiente Equilibrado –(MAE), cuja atuação principal consiste em contribuir para uma relação mais sustentável entre a sociedade e o meio ambiente. Essa essência da ONG MAE às questões ambientais sugere o aprofundamento do conhecimento sobre processos sustentáveis, visto que no

mundo atual, para que a vida no planeta seja mantida, é necessário o desenvolvimento de práticas sustentáveis (MIKHAILOVA, 2004).

Com o objetivo de manter a sustentabilidade devem-se avaliar e minimizar os impactos e as consequências das ações que podem prejudicar o meio ambiente (BARBIERI, 2007b). Discussões sobre sustentabilidade conceituam o desenvolvimento sustentável como meio imprescindível para “atender as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p. 46).

A sociedade atual deve refletir continuamente, sobre como evitar um menor desperdício dos recursos não renováveis e obter o melhor aproveitamento, uma vez que são consumidos não podem ser renovados (LIMA-E-SILVA, 1999).

Assim, percebe-se que a partir de uma visão interpretativa, pode-se gerar um melhor entendimento da preocupação com o desenvolvimento sustentável presente na sociedade atual, ao considerar o direcionamento do olhar para a atuação dos sujeitos e da comunicação nas organizações.

Na tentativa de este trabalho adaptar processos interacionais ao desenvolvimento sustentável, avaliando as ações e atividades de uma organização do terceiro setor, busca responder ao seguinte questionamento: De quais maneiras os processos interacionais na ONG MAE fomentam o desenvolvimento sustentável ?

Para se conhecer a relação entre a interação e o desenvolvimento sustentável, indica-se a abordagem qualitativa e como estratégia de estudo adota-se o método descritivo. As técnicas aplicadas para a coleta de dados, grupo focal, observação não participante e análise documental, procuram revelar o entendimento dos sujeitos sobre essa temática, para mostrar como os indivíduos se comportam em grupo. Os procedimentos metodológicos aprofundam as atividades de pesquisa desenvolvidas pelo GEFACESCOM na ONG MAE, cujas experiências reveladas podem inspirar novas pesquisas. (MOSCHETA, 2013)

1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender de quais maneiras os processos interacionais fomentam o desenvolvimento sustentável na ONG MAE.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Evidenciar o que é desenvolvimento sustentável na MAE;
- Compreender de que forma os processos interacionais auxiliam no entendimento do desenvolvimento sustentável na MAE;
- Analisar como se mantêm os processos interacionais que fomentam o desenvolvimento sustentável na ONG MAE.

1.3 JUSTIFICATIVA

Com relação à escolha da ONG MAE, justifica-se, por considerar uma organização não governamental da região metropolitana do município de Londrina que se preocupa em proteger o meio ambiente, trabalhando com os conselhos fiscais do município, com denúncias ao Ministério Público, além de desenvolver atividades educativas junto à comunidade. Ressalta-se que uma das razões principais do Programa de Mestrado de Administração da Universidade Estadual de Londrina refere-se ao aprofundamento nos estudos relativos aos processos de gestão e da sustentabilidade, sendo esse campo um ambiente propício para esse tipo de pesquisa. Nessa organização, percebe-se nitidamente a forma como os sujeitos interagem, ressaltando o envolvimento com os objetivos da ONG, visto disporem de uma organização mais humanizada, na qual os sujeitos doam livremente seu trabalho colocando-se em defesa da causa da ONG MAE, com o qual não possuem vínculos empregatícios, passando a cuidar do ambiente e preocupando-se com a sustentabilidade.

Sendo assim, o estudo da interação torna-se propício nesse ambiente para se entender como esses processos permeiam a organização e fazem os sujeitos refletir e aprender, pela comunicação interacional, a se relacionar e a construir uma forma de pensar mais coletiva.

Quanto às justificativas teóricas a escolha do estudo sobre interação se justifica ao se constatar ser este um conceito que teve suas origens no início do século XX com os trabalhos da Psicologia Social, e foi revisto com maior profundidade por Habermas na década de 90. Todavia, apesar dos estudos, desse pensador focar a interação na construção e evidência das organizações com

um olhar voltado para os indivíduos que as compõem, pouco se tem evoluído nas pesquisas organizacionais, no Brasil (CARVALHO, 2011).

Com relação ao desenvolvimento teórico em desenvolvimento sustentável, percebe-se que abordagem, neste trabalho é de que não é necessária uma única conceituação de sustentabilidade, pois é fundamental levar em consideração a visão construída pelos indivíduos. A convivência e a experiência com áreas de proteção ambiental ou ainda o respeito pelo planeta influenciam as práticas dos sujeitos, não apenas sua visão teórica.

Este trabalho visa contribuir para os estudos organizacionais, cujo olhar mais interpretativo, observa os sujeitos e os processos comunicacionais, como pertencentes e cruciais para as mudanças nas organizações, tornando estes espaços resultado da construção coletiva.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação foi estruturada em seis partes: na primeira apresentam-se contextualização, problema de pesquisa, objetivos gerais e específicos, justificativa teórica e prática e estrutura da dissertação. Na segunda o embasamento teórico, subdividido em três seções: a discussão sobre o interacionismo simbólico como teoria organizacional (BURRELL e MORGAN, 1979), seguida sobre a apresentação dos estudos de interação e de comunicação nos dias atuais e da apresentação da temática do desenvolvimento sustentável. Na terceira, mostram-se os procedimentos metodológicos adotados subdivididos em: classificação geral da pesquisa, coleta dos dados, análise dos dados e limitações da pesquisa. A quarta exibem-se os resultados, e faz-se sua análise, onde primeiramente conceitua-se a organização escolhida para este trabalho: a ONG MAE., seguida pela discussão do primeiro grupo focal realizado com membros da MAE, e do segundo realizado com lideranças da cidade de Londrina e reflexão acerca dos dois encontros. E, por fim, na sexta parte são destacadas as considerações da presente dissertação. O trabalho encerra-se com as referências utilizadas para o suporte da dissertação e anexos da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O escopo teórico deste trabalho visa evidenciar as interações entre organizações, os indivíduos que as compõem e o meio ambiente, buscando não só mostrar a trajetória histórica dos que se preocupam com os impactos provocados na natureza por ações predatórias, mas também enfatizar a necessidade de novas formas de atuação no meio ambiente, a fim de protegê-lo.

Tomando-se como ponto de partida, apresenta-se o interacionismo simbólico, como uma das teorias das organizações (BURREL; MORGAN, 1979), que se empenham em entender as interações entre os indivíduos (MEAD, 1934) demonstrando que esses processos comunicacionais podem facilitar o aprendizado e o crescimento conjunto dos sujeitos.

A segunda abordagem versa sobre o conceito e o entendimento de Habermas acerca da interação, definida como agir comunicativo. Conquanto seja um dos principais representantes da Escola de Frankfurt (PERSSON, 1992), em suas pesquisas que envolvem a sociedade, ele estuda outras correntes teóricas trazendo para sua teoria várias possibilidades de interpretação. Com isso, o agir comunicativo assume a postura de uma teoria multiparadigmática (PINTO, 1995).

Esta dissertação pretende mostrar o quão importante é entender os complexos conceitos de sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e questões ambientais para a continuidade das sociedades, pretende também discutir as várias possibilidades de estudo e aplicação capazes de levar as organizações a uma maior reflexão sobre suas práticas.

Como conclusão, apresenta-se o estado da arte do interacionismo simbólico, e seus principais conceitos que envolvem principalmente a relação existente entre a mente, o indivíduo e a sociedade.

2.1 INTERACIONISMO SIMBÓLICO: CAUSA E EFEITO DOS PROCESSOS INTERACIONAIS

A perspectiva interacionista simbólica tem suas raízes na sociologia e na psicologia social, possibilitando compreender como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual nas atividades e situações do dia-a-dia (CARVALHO, 2011). Os sujeitos, ao se relacionarem, se reavaliam e, a partir

daí se reposicionam num processo comunicacional contínuo. Essa experiência de mudança e de continuidade, que a interação proporciona, pode facilitar as discussões de processos futuros, contribuindo para o aprimoramento dos seres humanos. O amadurecimento desses processos individuais certamente pode contribuir para a evolução do pensar coletivo.

Os estudos relacionados ao interacionismo simbólico para o entendimento da vida social se justificam por fazer os indivíduos se perceberem como capazes de utilizar seu raciocínio e poder de simbolização para interpretar flexivelmente às circunstâncias, bem como a adaptarem-se a elas, dependendo do modo como venham a encarar a situação (KANTER, 1968; HALL 1988). O interacionismo simbólico demonstra o poder que os sujeitos têm sobre suas escolhas, visto que podem, a partir de sua racionalidade, decidir quais ações são mais benéficas em cada contexto.

As correntes teóricas que deram origem à perspectiva do interacionismo simbólico estão presentes nas principais contribuições dos autores clássicos da Escola de Chicago, como Charles Cooley, John Dewey, William Thomas e, sobretudo, George Mead (BLANCO, 1988; HAGUETTE, 1995; JOAS, 1999; TREZZA, 2002; CARVALHO, 2011).

Na visão de Charles Cooley, o desenvolvimento do ser humano se dá em qualquer processo de interação (ALDIABAT; NAVENEC; 2011), ou seja, a formação dos indivíduos está mais relacionada à ocorrência do processo do que à interpretação e consciência do sujeito. Já John Dewey faz uma crítica às relações sociais quando estas favorecem a dominação e incapacitam os atores de se desenvolverem criticamente (MIDTGARDEN, 2012). William Thomas buscou saber o que significava *definição de situações*, entendendo que devem existir a “cumplicidade” e o “compartilhamento” para que ocorra o processo de interação (VELHO, 2008).

Apesar da abrangência de estudos, esses autores se empenham em explicar os processos interacionais, juntamente com George Mead, que é considerado o principal precursor e inspirador do movimento interacionista.

Os estudos de Mead derivam das interpretações da teoria psicossociológica, que começou a se delinear entre os anos de 1930 e 1940, desenvolvendo-se no transcurso das duas décadas seguintes. Seu principal seguidor foi Blumer que, em seus escritos, estabeleceu os pressupostos da

abordagem interacionista, encontrando-se a maior parte desses escritos em sua mais importante publicação – *Symbolic Interactionism: perspective and method* (ALMEIDA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2010). Essa vertente de estudo buscou novas formas de entender a complexidade das relações humanas na sociedade, focando a subjetividade dos sujeitos em seus diálogos, a fim de entender de que forma se compõe seu conhecimento do mundo.

Blanco (1988) ressalta que é prudente considerar também alguns outros autores que ele considera como influências filosóficas indiretas sobre o interacionismo simbólico.

Estas últimas abrangem o pensamento econômico de Adam Smith, a filosofia moral de Thomas Reid, o empirismo humano, as ideias iluministas de Diderote de Rosseau, a filosofia alemã (derivada, sobretudo, da teoria de conhecimento kantiana), o historicismo de Dilthey e a epistemologia compreensiva de Weber (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010, p.148).

Outro autor que se baseia nos estudos do interacionismo é Simmel, que, de acordo com Burrell e Morgan (1979, p.18), direcionou sua atenção para os seres humanos em seu contexto social, interessando-se pelas “interações entre os átomos da sociedade”. Todos esses autores e seus estudos são os precursores e criadores da Psicologia Social e do Interacionismo Simbólico que tiveram prosseguimento com Herbert Blumer e Manford Kuhn.

Para Kuhn, tanto o indivíduo como a sociedade são estruturas relativamente estáveis e previsíveis (HAGUETTE, 1995), o que o leva a procurar operacionalizar as ideias do interacionismo simbólico em variáveis que possam ser empregadas no teste de proposições empíricas (PALMA, 2004). Percebe-se que se trata de uma visão mais mecanicista da sociedade, na qual os indivíduos podem ser previsíveis.

Já Blumer visualiza, em suas concepções, os sujeitos e as sociedades, como dinâmicas e orientadas a processos nos quais continuamente renegociam interações com outros (CARVALHO, 2011). Na interação humana, os seres interpretam as ações uns dos outros ao invés de apenas reagir a essas ações, sendo que as respostas estão intrinsecamente ligadas ao significado que é atribuído á ação dos indivíduos (PALMA, 2004). Observam-se, nesse contexto, espaços de relações entre os sujeitos os quais interpretam e constroem significações.

É importante destacar que este estudo teórico dá enfoque à vertente de Blumer e seus antecessores, já que sua forma de analisar o sujeito e os processos de interação social evidencia muito mais a espontaneidade e a subjetividade de todos os envolvidos, o que implica na necessidade de aprofundamento dos estudos do Interacionismo Simbólico.

2.1.1 Contextualizando o Interacionismo Simbólico

O enfoque do interacionismo simbólico são os processos de interação – ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca -, ao passo que o exame desses processos baseia-se num conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social. Com isso, as relações sociais são vistas, não como algo estabelecido de uma vez por todas, mas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo por parte dos membros da comunidade (JOAS, 1999).

Os constructos sociais das comunidades para os seus membros são necessários à formação da personalidade individual, por fazer que as referências do mundo sejam repassadas para que pertençam a esse grupo social (SOUZA, 2011). Ou seja, não há como averiguar a construção pessoal sem perceber e verificar em qual realidade determinada pessoa está inserida, constatando o contexto sócio-histórico que influenciou este sujeito, para então examinar o significado da fala deste indivíduo.

Blumer (1969) afirma que o significado dado pelos indivíduos é um produto social, uma criação resultante das atividades individuais e interacionais. Ou seja, não há criação de significados sem a inserção dos indivíduos em sociedade e sem que estes interajam entre si, o que produz diversas ideias sobre um mesmo fenômeno.

Assim, após conhecer um significado, este se torna "autoconsciente" nos sujeitos (ABOULAFIA, 1991), em razão da consciência do significado repousa sobre o caráter reflexivo de símbolos significativos, o qual poderá ser diferente em cada situação e para cada indivíduo, visto que isso dependerá de sua trajetória de formação sócio-histórica.

Uma vez que a mente é considerada como resultado de um constante processo social de comunicação (PALMA, 2004), a reflexão do indivíduo

que elabora uma resposta para a interação que tenha significado para o outro sujeito, incita a necessidade do uso dos símbolos (MEAD, 1934).

Esses símbolos interpolados na mente não podem ser entendidos, quando se deixa de considerar o significado (autoconsciente) (ABOULAFIA, 1991). Os seres humanos, graças à mente, aprendem a responder não só aos sinais ou comportamentos específicos dos outros, mas também aos agrupamentos complexos desses comportamentos, e, ao fazê-lo, aprendem a assumir diferentes papéis (MEAD, 1934).

Essa capacidade da mente é responsável pela modificação pela qual o ser humano passa durante sua vida, e que influência diretamente na mudança da sociedade. Isso se verifica a partir da análise das três premissas do Interacionismo Simbólico (BLUMER, 1969, p.02).

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele [...]. A segunda é que o significado destas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho. (BLUMER, 1969, p.02).

Essa citação mostra que as premissas do interacionismo simbólico estão diretamente interligadas com os grupos que os indivíduos frequentam. Apesar de os seres humanos tomarem decisões após avaliar se há sentido em realizar determinada ação e verificar a sua consistência, vindo ser ele resultado de interação social, ou seja, há influências externas quando raciocinamos. Por outro lado, os sentidos são manipulados e modificados através do processo interpretativo mental, que leva os indivíduos a refletir.

A pesquisa bibliográfica evidencia que os autores do interacionismo simbólico utilizam a metodologia qualitativa em suas pesquisas, pois enxergam os sujeitos como susceptíveis de mudanças contínuas e isso não produz generalização, alcançando uma compreensão do comportamento social após sua ocorrência, sem desenvolver explicações teóricas que visem a prever o comportamento social, seja individual como coletivo (CARVALHO, 2011).

Ainda sobre o desenvolvimento das pesquisas, Blumer (1969) critica a metodologia convencional por utilizar meios de estabelecer a validade empírica de certos estudos a partir de esquemas, que ele julga inadequados para captar o

caráter específico do objeto de estudo. Para compreender o mundo é necessário analisá-lo em relação às ações e interações dos participantes. “Para a ciência empírica, a ‘realidade’ só existe no mundo empírico, no qual se devem buscá-la e verificá-la” (BLUMER, 1969, p. 16). Segundo o ponto de vista de Mead (1934), o mundo da ciência se compõe do que é comum ao social tal como simbolicamente formulado. Dessa forma, os dados coletados em uma observação se relevam nas pesquisas como um mundo em que outras pessoas e objetos têm a mesma acessibilidade que o observador tem de si.

O interacionismo simbólico, assim como todas as teorias, também sofre duras críticas, sendo a principal a que entende esta linha de pesquisa como uma perspectiva limitada por restringirem-se aos micros aspectos da organização social, que, como tal, seria incapaz de abordar adequadamente os macros fenômenos, tais como a estrutura social, e os padrões de desigualdade e poder (CARVALHO, 2011).

Segundo Dennis e Peter (2005), a abordagem interacionista simbólica não descarta as restrições que organizações e estruturas sociais impõem aos atores individuais, visto que elas examinam as estruturas presentes nos processos de restrição e/ou coação, compostos e expressos por meio de interações individuais. Quando agem nessas estruturas por meio de interações, os sujeitos podem modificar estruturas impositivas e revelar a coletividade nesse ambiente. Assim a questão sobre como surgem o espírito e a pessoa humana no processo de internalização da conversação de gestos vocais é determinada por Mead biossocialmente, considerando-se tanto a interação social quanto a interação biológica (MORRIS, 1982).

Percebe-se que os sujeitos se tornam mais fortes, quando a partir das discussões e o aprendizado nos processos de interação formam uma consciência coletiva sobre determinado assunto, gerando uma nova visão sobre o ambiente em que estão inseridos.

2.1.2 O Valor da Linguagem para a Formação do Sujeito

Antes de considerar as relações, Mead (1934) vê a necessidade de abordar a questão da individualidade dos envolvidos nas relações interacionais, visto que o entendimento das trocas comunicativas perpassa a construção evidenciada

por cada sujeito. O esforço teórico de Mead reside em mostrar que o espírito, considerado por ele como a inteligência reflexiva dos atores sociais, e o *self*, que é o resultado do instinto e da relação com a sociedade (CORREIA, 2004), são emergentes sociais e que a linguagem, na forma de gesto vocal, proporciona o mecanismo para o surgimento das relações mais socialmente intensas de que resulta a formação do ator social (MORRIS, 1982).

Quando um determinado gesto representa a ideia que há por trás de si e provoca essa ideia no outro indivíduo, tem-se um símbolo significante. No momento em que tal gesto promove uma reação adequada do outro indivíduo, tem-se um símbolo que responde a um significado na experiência do primeiro indivíduo e que também evoca esse significado no segundo indivíduo (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010, p.150).

Essa ação reflete a condição sócio-histórica dos sujeitos envolvidos, já que esse mesmo entendimento só é possível a partir do momento em que eles desenvolvem a mesma forma de pensar sobre os enunciados, o que sugere compreender as várias possibilidades que diferentes indivíduos podem ter sobre um mesmo fenômeno.

Na evidenciação das interações, segundo Mead (1934, p. 235), estas ocorrem, a partir do momento em que a “linguagem no desenvolvimento da experiência humana reside no fato de que este estímulo possa provocar uma reação na forma de se portar de outros indivíduos”. Ou seja, evidencia-se um processo mais humano a partir do momento em que os interlocutores, durante as interações se veem refletidos uns nos outros, passando a se autocompreenderem além de demonstrarem mais respeito uns para com os outros, sendo resultado de um conhecimento não apenas de si mesmos, mas também do outro.

Para Mead (1934), a linguagem faz parte da relação social resultante de uma construção iniciada a partir dos gestos que originam os sinais, os símbolos e, com o passar do tempo, as formações e a aceitação da semântica (SOUZA, 2011; FERREIRA, 2000). Dessa forma, Morris (1982, p. 17) entende que os gestos são tidos como termos sociais, cujos traços fazem parte do desenvolvimento de uma verdadeira comunicação da linguagem. Mead (1934) já considerou a linguagem, desde o início do século XX, como fundamental para a formação do *self*, uma vez que permeia o processo de interação entre o indivíduo e a sociedade.

Carvalho, Borges, Rêgo (2010) destacam que, para explicar o processo de interação, Mead introduz as noções de *Self*, *Eu* e *Mim*. O *Self* (si mesmo) representa a forma como o indivíduo vê a si mesmo, e esse *self* permite que o indivíduo interaja socialmente consigo mesmo (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010), ou seja, as pessoas podem, de forma ininterrupta, analisar suas ações e refletir sobre elas.

O *self* precisa ser entendido como situado na interação com o mundo social (JEON, 2004), em razão de sua formação acontecer continuamente, o que a caracteriza como dinâmica, através da interação com outras pessoas. Meltzer (1972 apud HAGUETTE, 1995), ao estudar Mead, esclarece que o *self* envolve duas fases analíticas distintas: o *Eu*, que é a tendência impulsiva do indivíduo, e o *Mim* que representa o outro generalizado.

Nas palavras de Mead (1934, p. 222), é possível observar esse papel do *Eu* e do *Mim* em um processo de interação contínua:

O *Mim* é um indivíduo convencional, habitual. Está sempre presente. Tem que ter os hábitos, as reações que todos têm, ao contrário, o indivíduo não poderia ser um membro da comunidade... A reação do *Eu* a uma atitude organizada transforma a mesma, e assim, ocorre certa proporção de adaptação e readaptação. Essa reação do *Eu* pode ser um processo que envolve uma degradação do estado social como uma integração superior. (MEAD, 1934, p. 222)

Essas interações têm seu início no *self*, entendido como um fenômeno da cognição, estando a autoconsciência intimamente ligada com a possibilidade de reflexão das interações. Segundo Aboulafia (1991, p.11), observa “temos de ser capazes de ver a nós mesmos a partir da perspectiva de um outro que é mais geral e abstrata”. É o outro generalizado que surge a partir da perspectiva de um grupo social (MEAD, 1934).

O grupo social ou comunidade organizada dá ao indivíduo a unidade de si mesmo, o que pode ser chamado de "outro generalizado". Há uma infinidade de grupos sociais, e cada um parece dar origem a seu próprio outro generalizado (MEAD, 1934). A atitude do sujeito generalizado é a atitude de toda a comunidade (ABOULAFIA, 1991). Assim pode-se considerar que todo o indivíduo faz parte de uma construção coletiva, que também influencia sua formação pessoal, a partir de determinada realidade que pode ser completamente divergente de outra, o que faz surgir a diversidade de interpretações e do agir dos sujeitos nos ambientes.

Ao se estudar o comportamento humano, considerando-se sua interação mediante comunicações simbólicas, em que os significados das ações podem ser mantidos, modificados ou dados pelos atores, cujo *self* atua como mediador entre estes e a organização social (BLANCO, 1988), faz-se necessário o entendimento dos grupos sociais, caracterizados por Mead (1934) a partir do conceito de sociedade.

2.1.3 A Sociedade Interativa

A sociedade é vista pelos interacionistas como um processo de atividade em andamento, de variadas interações, não como um sistema, estrutura ou organização relativamente estática (MANIS; MELTZER, 1972). Isso mostra que sem os sujeitos não existem organizações.

A sociedade, para Mead (1934), baseia-se no comportamento cooperativo, sendo possível apenas quando cada ator percebe a intenção dos outros em suas ações, e, com a mesma preocupação de entendimento mútuo é construída a resposta (MENDONÇA, 2002). Já, para que haja cooperação é necessária a existência de mecanismos para que cada ator possa entender as linhas de ação dos outros e direcione o seu próprio comportamento com o objetivo de interagir com as essas linhas de ação. Assim como expõe MEAD (1934, p. 207):

Da mesma maneira sociofisiologica como o indivíduo humano adquire consciência de si, adquire também consciência de outros indivíduos; e sua consciência de si e dos outros indivíduos é igualmente importante para seu desenvolvimento pessoal e para o desenvolvimento da sociedade organizada ou grupo social ao qual pertence (MEAD, 1934, p. 207).

Percebe-se que, na formação social de Mead, os indivíduos têm maior consciência da necessidade de visão sistêmica e holística das organizações, das quais eles fazem parte, já que só é possível atingir desenvolvimento pessoal juntamente com o grupo.

Isso posto, concebe-se a sociedade como um processo entendendo que o indivíduo e a sociedade mantêm constante e estreita inter-relação, na qual o aspecto subjetivo do comportamento humano é necessário na formação e na manutenção dinâmica do *self* e do grupo social (GODOY, 1995).

Assim, à medida que o interacionismo simbólico se constitui uma perspectiva teórica, que pode facilitar uma melhor compreensão das relações tanto entre indivíduos, quanto entre estes e as estruturas sociais, identifica-se um significativo potencial de aplicabilidade de seus pressupostos básicos na condução de estudos organizacionais (CARVALHO, 2011). Nessa perspectiva, podem ser exploradas não somente as ambiguidades e as contradições, mas também os vários modos de representações, os múltiplos valores e a construção das significações da vida organizacional, pelos atores envolvidos.

A organização é considerada um conjunto de papéis, *scripts*, representações. Os estudos atuais que lidam com esta corrente tratam de paradoxos e contradições no exercício organizacional (MEAD, 1934). Assim como ocorre em outros “agrupamentos sociais”, onde os indivíduos buscam nas representações comuns, o entendimento mútuo em prol de um objetivo maior.

A partir da pesquisa bibliográfica, pode-se verificar a utilização do referencial teórico do interacionismo simbólico em algumas vertentes dos estudos organizacionais, percebendo-se que a prioridade consiste em entender a linguagem, os processos de interação e a percepção dos sujeitos com relação à organização em que estão inseridos, porém, quanto ao material considerado, este pode ser verificado no quadro 1 a seguir. Aspectos ligados à linguagem e aos significados, cultura, socialização e *status*, são questões que naturalmente envolvem a preocupação com a sustentabilidade.

Quadro 1 - Formas de aplicabilidade do Interacionismo Simbólico nas organizações.

Campos de Estudo	Aplicação	Resultados
Linguagem e Significados	Cossette (1998) constata a possibilidade de compreender os significados atribuídos e a construção da linguagem no contexto da situação interativa em que esta ocorre.	Pode produzir a melhor compreensão acerca da dinâmica organizacional. Isto se torna relevante dado que, conforme sugere Cossette (1998), se a linguagem é modelada pela estrutura em que é produzida, também contribui para modelar a mesma.
Cultura Organizacional	A construção e a manutenção da cultura pressupõem que existe um determinado nível de compartilhamento da realidade social edificada pelos membros de um grupo (BERGER; LUCKMAN, 1976).	Silva e Zanelli (2004) salientam a recuperação do processo de elaboração do universo simbólico ou da construção da realidade de determinada organização social.

Socialização do Indivíduo	O tema da socialização organizacional, o qual pode ser considerado como um dos aspectos essenciais de preservação ou mudança da cultura organizacional (CARVALHO, 2011).	Com base nos pressupostos interacionistas, com os quais os indivíduos contribuem para os significados que surgem em dado contexto social, os estudos em socialização organizacional passaram a considerar o papel ativo dos iniciantes nesse processo, sabem da que atuam, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto (BORGES e ALBUQUERQUE, 2004).
Status dos Sujeitos	Conforme Sauder (2005), uma perspectiva interacionista oferece meio para de examinar como as reputações que definem o <i>status</i> são construídas e institucionalizadas, como mudam ao longo do tempo e como afetam as interações entre a organização e seus membros.	Pode auxiliar a compreensão acerca dos meios pelos quais os atores simbolizam o <i>status</i> , os processos nos quais esses símbolos são usados para criar e manter as respectivas posições e a relação entre o <i>status</i> de uma organização e o <i>status</i> de seus membros constituintes.

Fonte: a própria autora (2013)

Ao se visualizar o interacionismo simbólico nos estudos organizacionais, percebe-se que, em cada tópico, o principal componente nesses estudos são os indivíduos e a forma de impacto que eles produzem na organização.

A importância e contemporaneidade dos estudos do interacionismo simbólico e de Mead são apontadas por Habermas (1988), já que buscam entender conceitualmente o significado da individualização social, o que facilita e complementa os estudos críticos a respeito da sociedade.

Morris (1979) destaca que as contribuições de Mead e do interacionismo simbólico não se encontram em figuras, diagramas e instrumentos de discernimento, mas sim na relação naturalizada dos espíritos, pessoas e sociedade. Ou seja, o entendimento das realidades sociais só pode ser verificado a partir do momento em que se consideram o contexto sócio-histórico dos indivíduos, sua forma de refletir a realidade em confronto com seus pressupostos e a forma como a interação entre o grupo pode formar a sociedade.

Na perspectiva do interacionismo simbólico, os indivíduos e a forma como eles interagem em sociedade, é a principal preocupação nos estudos, o que vem a contribuir com esta pesquisa ao entender que organizações são constituídas por sujeitos, e que suas ações são responsáveis pela composição e pelas mudanças

organizacionais. Não há como existirem organizações sem que haja indivíduos em interação.

França (2007) ressalta o valor da comunicação por sua intervenção na construção do *espírito*, do *self* e da *sociedade*, e os conceitos-chave que Mead utiliza para pensar sua formação conjunta. Assim a comunicação e seus processos são complementares aos estudos do interacionismo simbólico.

2.2 Os PROCESSOS COMUNICACIONAIS E SUA ATUAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

A comunicação pode ser entendida nas diferentes abordagens das correntes teóricas, porém nesta dissertação destacam-se duas visões, a processual que evidencia as relações entre os sujeitos e a semiótica que trata dos estudos dos símbolos e significados (TRIGUEIRO, 2001). As duas visões trabalham para melhor compreender as relações entre os sujeitos e os significados gerados pelos processos que afetam suas relações.

O modelo processual considera a comunicação como um processo de interação social entre duas ou mais pessoas, cuja relação pode influenciar no comportamento, na motivação e no estado emocional dos sujeitos ativos (SIGNATES, 1998; MARTÍN, 2003; FRANÇA, 2007; PINTO, 2008; LIMA, 2008; DEWEY, 1984; HABERMAS, 1988; MEAD 1934). Já, sob a perspectiva de estudo da semiótica a interação social é formada pelas relações das pessoas como sujeitos membros de um determinado grupo social e cultural (FISKE, 1990).

Por conseguinte, enquanto no modelo processual a preocupação das pesquisas busca perceber a influência que a interação exerce em seus interlocutores, nos estudos da semiótica é mais relevante entender as organizações e as características que as compõem, as quais as tornam diferenciadas.

Quando se verifica a comunicação nas práticas de uma organização, notam-se duas bases fundamentais: primeiro, situa-se em um conjunto societal como expressão particular e concreta de um sistema de ação histórica (CARDOSO, 2006); segundo, é uma atividade regulada por decisões que emanam da sua filosofia (SANDRONI, 1996), na qual a comunicação se evidencia apenas como mero sistema físico (CASALI, 2004; PUTNAM, 1982). Percebe-se que a primeira perspectiva é dependente da ação dos sujeitos.

Os processos de comunicação sempre estiveram presentes na evolução das organizações, visto que são processos isomórficos (PUTNAM et al., 2004), ou seja, apesar de serem distintos possuem características que os tornam iguais. Evidenciando a importância da comunicação nas organizações, Baldissera (2010, p. 201) ressalta “sem comunicação não é possível a existência de uma organização ou rede [...] já que organizações são relações e relações são comunicação”. A evolução da sociedade exige que as organizações repensem, complementem e aprimorem seus processos de trabalho tradicionais, ressignificando as formas de relacionamento. Para isso consideram-se os processos comunicacionais como essenciais para o seu agir e o seu existir (CARDOSO, 2006).

Já, Oliveira e Paula (2008) entendem os processos comunicacionais como ações de interação, os quais se organizam a partir de dois fluxos de comunicação: o informacional, processo linear de troca de informações que permite ordenar os fluxos formais de comunicação (LIMA, 2008); e o relacional, no qual a comunicação é vista como um processo plural e multifacetado de interação entre atores sociais (OLIVEIRA, 2009; MARCHIORI, 2010b).

Ao se considerar que as organizações são formadas por pessoas que se relacionam (SANTOS; ROSSONI; MACHADO-DA-SILVA, 2011), as ações passam a ter mais sentido desde o momento em que os sujeitos intensificam o diálogo, o que requer um melhor entendimento da forma de evidenciar as ações, entendendo-se os processos comunicacionais como relacionais. Oliveira (2009) complementa que, no contexto organizacional, esse processo relacional produz práticas individuais ou de grupos para alcançar uma estrutura coletiva de significados. Dessa forma, percebe-se tanto a individualidade dos sujeitos refletindo-se nas práticas e discursos organizacionais, como a atuação heterogênea do grupo.

Esses processos comunicacionais são entendidos por Baldissera (2010, p. 210) como essenciais para o agir e o existir, situações em que os “sujeitos acionam suas culturas, suas identidades”, que necessariamente entram em articulação com o pensamento de outros sujeitos. As discussões e conversações permitem que eles continuem no desenvolvimento das atividades, podendo questionar sua própria subjetividade e a partir dessas conversações, criar novos sentidos.

Uma interação leva à outra, acrescentando substância, em um ciclo contínuo de movimento em que a comunicação se torna um processo constantemente atualizado na organização (COOREN; TAYLOR, 1997).

Essa interação refere-se à relação entre interlocutores, refere-se também aos efeitos de sentido daí decorrentes, entendendo-se a emissão e a recepção como espaços cíclicos, em um processo contínuo e dinâmico (RIBEIRO; MARCHIORI; CONTANI, 2010). Para os estudos da interação, é importante compreender como os envolvidos atuam nesse processo, sejam quais forem os sentidos gerados nessa interação, sabendo-se que esta ação pode evidenciar novas formas de conhecimento ou de visualização da realidade.

Percebe-se que o entendimento sobre comunicação nas organizações se mostra como uma forma de estudo que evidencia os sujeitos em sua construção, e que este processo se mantém continuamente. No início do século XX, Mead demonstrou em seus estudos essa importância, tanto para a sociedade como para a formação dos indivíduos. E na década de 90, Habermas, aprofundando esses estudos, baseado em Mead, discorre sobre a teoria do agir comunicativo.

2.2.1 Da Interação Social para o Agir Comunicativo: a Abordagem de Habermas

As interações que acontecem durante os processos comunicacionais são trabalhados por Genelot (2001) não como resultado da interferência de mídias e técnicas que a organização possa implantar, mas por processos em que “as pessoas se ouvem e se compreendem”. São ações em que as pessoas, estando face a face, podem demonstrar interações não apenas por diálogos, mas também por meio de gestos ou expressões corporais (CARDOSO, 2006).

Dessa forma, a interação é vista como processo complexo de formação das relações sociais, um sistema de comportamentos que revela o poder de adaptação dos seres humanos (ARANA, 1993). Nota-se, assim a importância que a comunicação tem para a sobrevivência da vida humana, de uma forma geral, e também das organizações.

Apesar de Grant (1996), apud Spanos e Pratascos (2004), acreditar que a interação é o resultado da formação dos processos socialmente construídos nas organizações favorecendo o entendimento da importância dos indivíduos na

organização, sem interações não seria possível à organização estruturar-se, o que torna os conceitos indissociáveis.

De acordo com Lima, Carvalho e Lima (2010, p. 682), Habermas emprega o termo interação com a mesma conotação que se dá ao “agir social, sendo um conceito complexo, que pode ser interpretado a partir das ações e da fala dos sujeitos”.

A interação se entende aqui como um processo de interpretação onde os participantes negociam, por meio de interpretações recíprocas, uma definição comum da situação. Com este conceito de ação, o processo de entendimento [sobre algo no mundo] passa a ocupar posição central. (HABERMAS, 1989a, p. 389).

Para Vizeu (2010), a partir das relações face a face, do agir social, os participantes utilizam-se da linguagem para (re)construir, durante a interação, o sentido da mensagem tendo por referência o outro sujeito e, dessa forma buscam manter reciprocidade.

O interagir tende a se destacar quando a ação entre os participantes desenvolve relações entre os integrantes de um determinado grupo que possuem um interesse em comum (PRIMO, 2003). É importante destacar que o resultado das interações só será favorável se os envolvidos nesse processo desejarem participar (SPANOS; PRATASCOS, 2004), evidenciando-se que o indivíduo, levado pela necessidade de se envolver com outros indivíduos dá continuidade aos relacionamentos.

A expressão agir social, ou interação, é um conceito complexo, que pode ser analisado com o auxílio dos conceitos elementares agir e falar, os quais quando estudados pela linguagem, encontram-se ligados um ao outro (HABERMAS, 1990), fatores explorados com maior destaque neste trabalho.

Para tal, diferentes podem ser as formas de interação que se distinguem, de acordo com o mecanismo de coordenação da ação. É preciso saber, antes de mais nada, se a linguagem é utilizada apenas como meio para a transmissão de informações ou também como fonte de integração social (HABERMAS, 1990).

Esse entendimento através da linguagem funciona da seguinte maneira: os participantes da interação unem-se através da validade pretendida de suas ações de fala ou tomam em consideração os dissensos constatados

(HABERMAS, 1990). As incoerências que os sujeitos em interação encontram, podem gerar um nível de consciência ainda maior nos envolvidos, visto que o processo de discussão os habilitará para o amadurecimento de suas relações.

Das formas existentes para interação como gestos vocais, expressões faciais ou corporais, olhares, para Habermas (1990, p.71) as ações linguísticas interpretam-se por si mesmas, pois possuem uma estrutura auto referencial. E esse sentido performativo de uma ação da fala só é captado por um ouvinte potencial que assume o enfoque de uma segunda pessoa, abandonando a perspectiva do observador e adotando a do participante.

É preciso falar a mesma linguagem e como que entrar no mundo da vida, compartilhando intersubjetivamente por uma comunidade linguística, a fim de poder tirar vantagens da peculiar reflexividade da linguagem natural e poder apoiar a descrição de uma ação executada por palavras sobre a compreensão do auto-comentário implícito nessa ação verbal. (HABERMAS, 1990, p. 71)

Então, para haver mais do que apenas trocas de informações é fundamental o entendimento. Porém, em alguns processos ocorrem distorções, apontadas por Vizeu (2005, p. 14) “nas dimensões (veracidade, sinceridade, retidão ou inteligibilidade), no sentido de manipulação (distorção deliberada) ou contingencial (distorção ocasionada por fatores estruturais)”. Quando estas distorções acontecem, torna-se mais difícil verificar até que ponto o processo de interação favoreceu a troca de conhecimento e mesmo o crescimento desses sujeitos.

Para evitar que essas dificuldades aconteçam Habermas (1990) acredita que o agir comunicativo pode vir a eliminá-las, uma vez que uma coordenação bem sucedida da ação está apoiada na força racionalmente motivadora de atos de entendimento, portanto numa racionalidade que se manifesta nas condições requeridas para um acordo obtido comunicativamente.

O dissenso não é visto negativamente pelo agir comunicativo, pois se trata de ocorrências em que os indivíduos, apesar de terem opiniões diferentes sobre um determinado ponto de vista buscam entender-se mutuamente, a fim de chegar a um conhecimento mais amplo. Os dissensos tendem a ocorrer quando um mesmo ambiente, ou grupo, agrega sujeitos que têm habilidades diferenciadas, o que ocorre em várias formações sociais e organizacionais.

Tanto em ambientes organizacionais como na convivência diária, na sociedade, e no mundo da vida estruturado simbolicamente, a sociedade se forma e se reproduz através do agir comunicativo, visto que o agir estratégico é tido como de ordem instrumental (HABERMAS, 1990).

Os componentes do mundo da vida - a cultura, a sociedade e as estruturas da personalidade - formam conjuntos de sentido complexos e comunicantes, embora estejam incorporados em fundamentos diferentes (HABERMAS, 1990).

O saber cultural nasce das formas simbólicas - objetos de uso e tecnologias, palavras e teorias, livros e documentos, bem como de ações. A sociedade recria-se nas ordens institucionais, nas normas do direito ou nas práticas e costumes regulados normativamente. As estruturas da personalidade, finalmente, estão encarnadas literalmente nas bases dos organismos humanos (HABERMAS, 1990).

Os elementos encarnados dessa maneira passam a serem conteúdos semânticos, que também podem ser dissolvidos e postos em circulação como moeda corrente da linguagem normal. Assim, qualquer ato da fala, através do qual um falante se entende com outro sobre algo, localiza a expressão linguística em três referências com o mundo: o falante, o ouvinte e o mundo.

Sob o ponto de vista da formação de interações, nós nos ocupamos principalmente do segundo aspecto - a relação interpessoal. Através de seus atos de fala, os participantes da interação assumem ações de coordenação, ao produzir relações interpessoais (HABERMAS, 1990, p. 95).

O conhecimento adquirido nessas experiências de interação, a socialização dentro de um ambiente de trabalho, que estimule ou favoreça processos interacionais (KRAMER; FARIA 2007; ARANA, 2010), tende a ocorrer com mais frequência (FIGUEIREDO, 2004; LOIOLA; PORTO, 2008), ocasionando mudanças estruturais, nas organizações (ALCARÁ; TOMAÉL; CHIARA, 2005). As interações nas organizações ocorrem dentro dos mais diversos ambientes, principalmente naqueles que facilitam a troca e estimulam o diálogo, as conversações, visto que são resultados dos processos comunicacionais entre seus membros.

Porém, mais importante, do que entender a interação dos sujeitos na composição das organizações e na formação da sociedade, é compreender o

relacionamento dos indivíduos com o meio em que estão inseridos. As ações do homem frente ao meio ambiente pouco foram exploradas nos estudos em organizações, já que até a pouco tempo atrás não havia a consciência de que existia impacto nesta relação, de tal forma que atualmente os estudos incorporam a necessidade de repensar as ações, a fim de transformá-las sustentavelmente para as atuais e futuras gerações.

2.3 A ORIGEM DOS ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Embora o conceito de desenvolvimento sustentável (DS) tenha surgido em 1972, com o relatório “Limites do Crescimento”, do Clube de Roma, (SACHS, 2008; VOS, 2007), apenas com a publicação do Relatório de *Brundtland* (RB), pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED), em 1987, é que a preocupação com o meio ambiente teve a abrangência mundial, tornando-se tão importante quanto a discussão sobre o desenvolvimento econômico e social (REDCLIF, 2006; DUNPHY, GRIFFITHS, BENN, 2007). O conceito mais conhecido para o desenvolvimento sustentável se originou desta comissão, cujas ações da humanidade deveriam buscar “o equilíbrio que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1987). Com o passar dos anos e o desenvolvimento das pesquisas em torno da busca pelo desenvolvimento sustentável, vários conceitos foram desenvolvidos, mas, assim como mostra o quadro 2 a seguir, a concepção inicial criada pela WCED se mantém nas discussões atuais.

Quadro 2 - Conceituação de Desenvolvimento Sustentável

Godemann e Michelsen (2010)	Um desenvolvimento que encontra o que precisa no presente, com o compromisso de capacitar as futuras gerações para encontrarem o que querem no futuro.
Pearce (1992)	O desenvolvimento submetido a um conjunto de restrições nas quais o conjunto das taxas de extração dos recursos naturais não é mais alto que o da taxa de regeneração induzida ou natural desses recursos naturais; nele se considera a utilização do meio ambiente como depósito de rejeitos.

Schultink (1992)	O Desenvolvimento Sustentável pode ser definido como o desenvolvimento promovido por uma administração dos recursos naturais que pode tanto assegurar ou aumentar a capacidade de produção por longo tempo, de recursos básicos, e que também assegure a melhora permanente da saúde e do bem estar em longo prazo derivados do uso dos recursos de sistemas alternativos, com impactos ambientais toleráveis.
OECD (1990)	O conceito de Desenvolvimento Sustentável constitui uma união entre as atividades econômicas e a conservação dos recursos ambientais. Essa união implica numa parceria entre o meio ambiente e a economia, cujo elemento chave é o legado dos recursos naturais das gerações atuais para as gerações futuras de modo a não diminuí-lo de forma imprópria.

Fonte: A própria autora (2013)

A concepção de Pearce (1992) explora a relação entre a quantidade de matéria consumida e a capacidade de o planeta se regenerar, o que diretamente reflete apenas a preocupação ambiental. O meio ambiente dispõe dos recursos necessários para a sobrevivência humana, ao mesmo tempo em que serve como depósito do que não é mais necessário (BARBIERI, 2007), isso remete à relação temporal explorada no conceito de desenvolvimento sustentável de Brundtland, já que a incorreta utilização e acúmulo dos materiais ocorrem há muitas décadas. Ao considerar-se que a forma capitalista de desenvolvimento econômico se tornou forte e fez com que o mercado de bens de consumo se fortalecesse desde a Revolução Industrial, os problemas surgidos na década de 70 são resultado de mais de um século de crescimento e produção sem controle.

Schultink (1992) enfatiza a necessidade de administrar melhor os recursos ambientais na tentativa tanto de sua preservação para o futuro, juntamente com a visão de que essas ações serão capazes de beneficiar o bem-estar da população, e também da manutenção das atividades econômicas, porém a partir de formas alternativas que busquem a minimização dos impactos negativos.

Já no conceito da OECD (1990) há a percepção de que juntamente com o desenvolvimento econômico pode-se alcançar a conservação dos recursos ambientais. Nesta definição existe a preocupação de preservação do meio ambiente

para as futuras gerações, porém não há o envolvimento de questões ligadas ao benefício social.

Por fim, Godemann e Michelsen (2010) explanam o conceito sem a preocupação de especificar o que é necessário ser modificado, como ocorre nos outros estudos apresentados no quadro. Ou seja, há algo que está errado e são necessárias mudanças, demonstrando que indiferente das ações a mudança atual representa continuidade para futuras gerações.

Pode-se dizer que esse processo de desenvolvimento, assim como se vê em todas as definições do quadro 2, deve ser realizado inter e intragerações, sendo definido pelas melhorias na saúde, no bem-estar, na qualidade de vida do homem e na saúde do ecossistema (MINING AND ENERGY RESEARCH NETWORK, 2000).

Grande parte da discussão sobre o desenvolvimento sustentável ocorre entre os governos e as grandes corporações, pois se entende que o problema deve ser resolvido pelos principais responsáveis pela degradação ambiental (ZAMBON; RICCO, 2010). Porém, esquece-se que os resultados dessas ações não impactarão a vida na Terra nos próximos anos, questão evidenciada pelo próprio conceito de desenvolvimento sustentável que destaca essa relação temporal. Dessa forma, verifica-se que o compartilhamento de ideias sobre o desenvolvimento sustentável pode vir a atingir várias gerações, visto que as ações propostas pelas organizações e por governantes construirão um mundo melhor para as gerações futuras.

Meio século após os primeiros diálogos sobre o desenvolvimento sustentável, percebe-se que as discussões versam sobre soluções que integram a tecnologia, as organizações e os governos, o que significa que a percepção de que a sociedade deve estar presente nesse embate ainda é pouco promissor.

Shriberg (2000 apud UEHARA et al. 2010) aponta outra consideração sobre esse tema destacando que o desenvolvimento sustentável é um alvo móvel, um *status* ainda não alcançado por qualquer organização, pois requer, além de profundas mudanças de postura e propósitos, um período relativamente longo para que sejam percebidos os processos de evolução da organização.

Assim como destaca Vos (2007), que apesar da onipresença, há pouco consenso sobre o que constitui a sustentabilidade e os poucos estudos e teorias sobre o assunto sofrem restrições ideológicas à aplicação dos conceitos. O

atraso na implantação de novas formas de utilização dos recursos ainda é visto como causa de prejuízos econômicos, o que demonstra que o desenvolvimento econômico continua a ser o principal indicador de qualidade para a sociedade.

Barbier (1987) acredita que, se o desenvolvimento econômico for sustentável, seja possível haver interação entre três sistemas: o sistema ambiental, o sistema produtivo e o sistema social. Conclui-se, então, que, apesar das ações em prol das questões ambientais e sociais propiciarem benefícios econômicos, com o passar do tempo, as práticas organizacionais podem refletir uma nova percepção do ambiente, cujo retorno financeiro não será o único aspecto importante a ser considerado.

Atualmente, a ação que mais se tem desenvolvido nas organizações, no intuito de suavizar os impactos sobre o meio ambiente, é aquela que se traduz na substituição de recursos para tornar produtos e serviços mais sustentáveis. Redclif (2006) afirma que essas ações podem representar uma contribuição para diminuir os problemas ambientais das futuras gerações. Ou seja, a sociedade não deve permanecer inerte diante dos problemas ambientais, enquanto se discutem formas de ação conjunta da humanidade. Raynaut, Lana e Zanoni (2000) acrescentam ainda que, apesar da imprecisão do termo desenvolvimento sustentável, pretende-se criar uma noção integradora, na tentativa de associar as interações ligadas ao meio natural com as sociedades humanas.

As relações da sociedade podem ser redefinidas, principalmente entre os países em desenvolvimento e os mais desenvolvidos, visto que o desenvolvimento sustentável envolve processos de mudança nas questões políticas, sociais, econômicas, institucionais e tecnológicas (STRONG, 1995). Os diálogos entre diferentes culturas podem descortinar novas visões acerca do ambiente em que a sociedade está inserida.

De acordo com os conceitos de desenvolvimento sustentável já discutidos (GODEMANN; MICHELSEN, 2010; PEARCE, 1992; BARBIER, 1987), percebe-se que estes são resultados das ações aplicadas do conceito de sustentabilidade (ALFIERI, 2000), e isso mostra que a discussão em torno do desenvolvimento sustentável em si é reflexo da prática da sustentabilidade, o que exige que se entenda como esta é compreendida.

2.3.1 Sustentabilidade: a Redefinição das Necessidades

Por sustentabilidade entende-se o “tratamento simétrico” do presente e do futuro entre gerações, e a ascensão de valores positivos para o estoque dos recursos naturais por longo tempo (HEAL; KUNREUTHER, 2003), ou seja, não é apenas a sobrevivência da geração futura que deve ser considerada, mas uma melhor distribuição dos recursos nos dias atuais.

Para Ruscheinsky (2003) “a sustentabilidade refere-se à capacidade de um modelo ou sistema sustentar-se na dinâmica evolutiva sem permitir que algum setor aprofunde-se em crises de tal forma que venha a atingir a totalidade”. Dessa forma, o equilíbrio deve ser buscado não apenas entre gerações, mas inicialmente na atualidade, na tentativa de aproximar o desenvolvimento econômico, social e ambiental.

Assim a discussão acerca de sustentabilidade abre as portas para o debate sobre equidade social dentro de uma mesma geração, quando se discute o acesso aos bens das gerações futuras (BARONI, 1992), visto que, há comunidades que tentam sobreviver com pouca água, ao passo que outros tendo-a em abundância, dela se servem sem medida, desperdiçando-a.

Redclif (2006) avalia, então, que as diferentes formas de definir sustentabilidade estão relacionadas às diferentes definições de necessidade ou do que eles acreditam como verdadeiro. A escolha da “melhor” concepção de sustentabilidade depende do que está sendo sustentado, do que é qualidade de vida, de quais são os valores-chave da civilização e de que tipo de trabalho se precisa para apoiá-los (VOS, 2007). Ou seja, o conceito de sustentabilidade deve ser amplo, e possibilitar inúmeras formas de entendimento e interpretação para a sociedade, pois seu entendimento e sua aplicabilidade dependerão das reais necessidades de cada comunidade, Rattner (1999, p. 234), por sua vez, que “instituições e políticas relacionadas à sustentabilidade são construções sociais, o que não significa serem menos reais”.

Segundo Godemann e Michelsen (2010) a sustentabilidade tem sido apontada como uma meta importante pelo governo, empresas e organizações não governamentais, em conferências nacionais e internacionais, e desempenha um papel em uma variedade de grupos de interesses. Portanto, a sustentabilidade pode ser entendida como um novo modo de produção do conhecimento, à medida que

gera uma humanização maior das organizações (VERGARA; BRANCO, 2001), bem como um novo entendimento da ciência que confronta a tradicional prática científica com uma nova modalidade de problema de pesquisa, orientada a dar respostas fundamentalmente diferentes para as questões da complexa sociedade contemporânea (GODEMANN; MICHELSEN, 2010, p. 5).

Ao focar-se a interação entre os seres humanos e o meio ambiente, consideram-se os interesses sociais, políticos e econômicos, elementos que contribuem para suscitar, na sociedade, questionamentos e potenciais soluções para as questões de sustentabilidade (HIRSCH HADORN et al. 2008 apud GODEMANN; MICHELSEN, 2010).

Diante da natureza complexa e transversal da discussão do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade (MOCHIZUKI; FADEEVA, 2011), veem-se diferentes contextos para pesquisas nesta área, que fomentam o desdobramento dos estudos relacionando com as questões sociais, ambientais e econômicas (ELKINGTON, 1999).

Ao se deparar com as concepções de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade nota-se que a visão econômica e ambiental é mais utilizada nos estudos e também em práticas organizacionais, visto que, assim como expõe Barbieri (2007), a discussão de sustentabilidade envolvia, inicialmente, as preocupações sobre como manter a economia ativa, sem prejudicar o meio ambiente. Outra possível causa a esse maior destaque, é o fato abordado por Schultink (1992), onde a partir do cuidado com os recursos naturais pode-se chegar a soluções para os problemas sociais.

A abordagem teórica desta pesquisa centra-se no entendimento de que organizações, cujas estruturas sejam mais flexíveis tendem a propiciar maior interação entre seus sujeitos. Essas ações ao gerarem trocas de conhecimento e informações, podem vir a ser relacionadas com mudanças na maneira de os sujeitos atuarem, com poder de decisão nos processos de gestão das organizações, alterando sua forma de interação com o meio ambiente, com os indivíduos presentes nele de forma a beneficiar positivamente as futuras gerações.

Assim, das diversas vertentes que o conceito de sustentabilidade abrange, destacam-se as questões ambientais, na tentativa de perceber as formas de interação entre o meio ambiente, a sociedade presente nele e a necessidade de manutenção econômica e de produção.

2.3.2 As Questões Ambientais: O Desenvolver de um Novo Pensar Organizacional

A partir da década de 70, inicia-se a discussão a respeito das questões ambientais, e, de acordo com Hannigan (1995), os sociólogos entendem que não há corpo teórico para embasar seus estudos sobre a sociedade e o meio ambiente. Os pioneiros nesta abordagem, Catton e Dunlap (1979) apud Lenzi (2006), sugerem como podem ser desenvolvidas pesquisas que contemplem o meio ambiente, isto é, que enfoquem a interação entre o ambiente físico e a organização social e seu comportamento.

Atualmente, as organizações e sua lucratividade são vistas como resultado de um ciclo no qual se encontram o ambiente e a sociedade (DUNPHY; GRIFFITHS; BENN, 2007). Estes autores acrescentam ainda que, o meio ambiente se torna um aspecto em comum para as outras esferas. Assim como afirma Jacobi (2003, p. 191):

A necessidade de abordar o tema da complexidade ambiental decorre da percepção sobre o incipiente processo de reflexão acerca das práticas existentes e das múltiplas possibilidades de, ao pensar a realidade de modo complexo, defini-la como uma nova racionalidade e um espaço onde se articulam natureza, técnica e cultura. (JACOBI, 2003, p. 191)

A sociedade necessita, primeiramente, repensar sua forma de ver o ambiente, para que suas práticas sejam benéficas para eles e para o meio ambiente. Não há possibilidades de resolver os complexos problemas ambientais e reverter as suas causas, que as provocam sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica da atuação do aspecto econômico do desenvolvimento (LEFF, 2001).

Na esfera ambiental, Hannigan (1995, p. 77) trabalha essas questões sob o conceito de ambientalismo, esclarecendo que este “é uma construção em si própria multifacetada que consolida um conjunto de filosofias, ideologias, especialidades científicas e iniciativas políticas”.

Na abrangência da esfera ambiental há a manifestação das esferas sociais e econômicas entrelaçadas, mesmo quando se considera a tentativa de evidenciá-las isoladamente. Assim, demonstra-se como a questão ambiental é complexa e, portanto, requer uma visão holística e sistêmica (CAPRA, 1996), tornando-se necessário o entendimento da complexidade das questões ambientais,

e o reconhecimento de que não haverá nenhuma solução técnica aceitável sem que se resolvam os problemas políticos e sociais associados.

Nesse sentido, a discussão dos problemas ambientais emergentes, pode vir a ser legitimada por toda a comunidade, como esclarece Sachs (1993), segundo o qual, ao emergir a sociedade civil na cena política como o terceiro sistema de poder, ao lado dos estados e do poder econômico, o diálogo se torna uma construção coletiva e os indivíduos podem realizar práticas inspiradoras de novas ações.

Essa ação coletiva, segundo Hannigan (2005, p. 25) é esboçada na literatura existente sobre a sociologia ambiental como uma questão incipiente relacionada à mudança dos problemas ambientais. Ou seja, como não se discutem possíveis ações por falta de consenso na esfera política, a sociedade civil não desempenha seu papel como ator consciente.

A realidade atual exige uma reflexão que ressalte, cada vez mais, a inter-relação dos saberes e das práticas coletivas criadoras de identidades e valores comuns e ações solidárias (JACOBI, 1999).

Sem negar a obviedade da existência dos impactos ambientais, no enfoque construtivista, Bacchiogga (2012) afirma que esta linha de pensamento questiona a quem ou a que grupos a degradação ambiental afeta, partindo do princípio de que o discurso ambiental pode ser socialmente construído ligando-se grupos de pressão e de disputas de poder que seriam responsáveis pela criação ou valorização de temáticas ambientais.

Hannigan (1995, p. 245) acrescenta ainda que “as mudanças biofísicas no ambiente são significativas apenas na medida em que os grupos culturais afetados por elas venham a reconhecê-las através da auto redefinição”, o que demonstra a necessidade de entender os problemas ambientais a partir de uma perspectiva que considere os indivíduos ativos no ambiente como modificadores de suas próprias realidades.

Dessa forma, ao refletir-se sobre a complexidade ambiental, abrem-se possibilidades para compreender a formação de novos sujeitos capazes de se mobilizar para interações com o meio, visando processos educativos articulados e compromissados com a sustentabilidade e, acima de tudo, apoiados numa lógica que privilegie o diálogo e a interdependência de diferentes áreas do saber.

Esse novo entendimento das questões ambientais pode suscitar novas formas de visualizar a sociedade, passando esta a sentir a necessidade do verdadeiro viver coletivo. Nesse sentido trazer para o campo dos estudos da sustentabilidade o Interacionismo Simbólico pode evocar uma nova consciência das práticas da sociedade, bem como possíveis entendimentos sobre o mundo.

Assim o estudo do Interacionismo Simbólico se dá, sustentado por conversações e ações de indivíduos em contínuos processos de interação que os tornam mais conscientes, o que pode evocar em práticas mais sustentáveis. Dessa forma, percebe-se a necessidade de estudos que evidenciem essa realidade de forma empírica.

2.4 REFERENCIAL EMPÍRICO

Para melhor direcionamento deste estudo foram pesquisados trabalhos empíricos no campo do Interacionismo Simbólico, relacionando ao agir comunicativo aplicado ao desenvolvimento sustentável, e não se localizaram estudos que desenvolvessem esses temas, no campo das organizações e da comunicação.

Nessa busca, foram utilizados dois bancos de dados: um internacional – *Isi Web of Knowledge* – e outro nacional – *Periódicos Capes*. Inicialmente, foram buscados três temas separadamente: ação comunicativa, interação e interacionismo simbólico, limitando-se a procura a periódicos das áreas de administração e comunicação, em especial por periódicos avaliados na categoria *qualis* B2 ou acima.

Em um segundo momento, mantendo-se as limitações de procura, tentou-se a integração entre os termos no momento da busca obtendo-se como resultado 20 artigos, porém apenas oito artigos, por serem relevantes para esta dissertação, são destacados a seguir.

No artigo *Comunicação, Comunidade e Democracia: Rumo a uma Teoria da Comunidade Comunicativamente Integrada* (FRIEDLAND, 2001), discorre-se sobre o conceito de comunidade, relacionada a novas formas de integração dos indivíduos. Nesse artigo o autor concluiu que a ação comunicativa de Habermas é o melhor argumento para se estabelecer uma nova comunicação na sociedade. Friedland (2001) desenvolve o conceito de comunicação comunitária ecológica,

destacando a importância e relevância que o meio ambiente tem na interação humana. Nessa ênfase, o autor se mostra mais preocupado em evidenciar os melhores meios comunicacionais para que esse processo aconteça.

Há certa semelhança desse artigo com a proposta a ser desenvolvida nesta dissertação, pois, ao se abordar a interação de uma organização não governamental, entende-se que seu papel e sua atuação, na comunidade estão intrinsecamente associados à questão do desenvolvimento sustentável, o que reflete também a importância de se entender o ambiente em que as organizações estão inseridas.

Em razão de este trabalho seguir os pressupostos da teoria do Interacionismo Simbólico na evidência empírica, buscar-se-á o entendimento das relações dos membros da ONG MAE com o desenvolvimento sustentável, analisando-se o quanto intrinsecamente esse conceito está inserido nas suas rotinas, suas falas e sua formação social, não se limitando a destacar os meios físicos pelos quais essas interações acontecem.

No trabalho sobre a interação não se dissocia o conceito de discurso, que deve ser entendido como uma dualidade de ações comunicativas e de estruturas profundas, mediada pela modalidade de esquemas interpretativos (BOLAÑO, 2000). Essa visão do discurso está presente no trabalho de Heracleous e Barrett (2001) que explora seu papel na formação de processos de mudança organizacional através de sua influência sobre as interpretações e ações dos atores.

A partir da perspectiva interpretativa e tendo como principal teoria o agir comunicativo, os autores verificam a implementação de um pregão eletrônico no mercado de seguros de Londres, usando um estudo de campo longitudinal, cuja abordagem é quantitativa. Percebe-se que o interesse nas questões de sustentabilidade não esteve presente na obra de Heracleous e Barrett (2001).

Ainda na abordagem quantitativa, o artigo de Chang e Jacobson (2010) adota um protocolo operacional para avaliar a participação da teoria da ação comunicativa, e a participação dos cidadãos no processo de decisão política para determinar se uma cidade deveria ter o fumo proibido em locais públicos. A participação demonstra como a ação comunicativa é avaliada, dependendo de como esse grau, cidadãos aceitam como válida, de, uma proposta política de comunicação em ambientes que podem vir a ter restrições (CHANG; JACOBSON, 2010).

Já o trabalho de Luckmann (2008) aborda a construção, a modificação e, por vezes, a destruição parcial da interação social humana ao longo das gerações. Para o autor, a interação proporciona uma possibilidade de analisar a formação e a transmissão da identidade dos indivíduos. Assim, ao visualizar-se a interação como modificadora e construtora da realidade social, em que os indivíduos se inserem, a principal contribuição deste trabalho é mostrar a realidade criada na ONG por seus membros, além de destacar esse processo no que diz respeito à proteção ambiental.

O trabalho de McLuskie (2003) faz menção aos estudos de Habermas e incorpora os conceitos do interacionismo simbólico de Mead, para embasar a teoria do agir comunicativo e evidenciar a criatividade dos indivíduos na construção cultural e educacional. Este autor demonstrou que a união das duas vertentes se estabelece como uma continuidade temporal dos estudos dos sujeitos em sociedade, começando no início do século, com os trabalhos de Mead e contemporaneamente com a teoria de Habermas.

O conceito de Habermas a respeito do agir comunicativo é tido como teoricamente interessante, mas não praticável (GEORGE; CAMPBELL, 1990). Porém, Wehrenfennig (2008) percebe que a teoria comunicacional de Habermas pode ser encontrada na resolução de problemas diplomáticos e propõe sua análise. Este trabalho prova a aplicabilidade das teorias de Habermas, com base em um estudo em que o autor utiliza principalmente duas categorias de análise para evidenciar os resultados. A primeira categoria é a necessidade de diálogo que as pessoas sentem para desenvolver uma consciência maior, e a segunda categoria mostra que os desentendimentos acontecem, pois assim como apontam o agir comunicativo, não é sempre que os indivíduos em interação conseguem visualizar-se no outro.

O estudo de Rich e Graig (2012) compara a aplicabilidade de duas teorias normativas, a teoria da ação comunicativa de Habermas e a ecologia da comunicação de Bateson, aplicando-as à crise dos mísseis cubanos em 1962. A teoria da ação comunicativa de Habermas observa como a comunicação é estrategicamente distorcida em uma versão extrema do que chamamos de situação de discurso invertido. Já, a teoria ecologia da comunicação de Bateson mostra como as mensagens metacomunicativas podem afetar as relações entre as nações,

gerando dinâmicas relacionais potencialmente catastróficas, mas também oportunidades para mudanças construtivas.

No quadro 3, relacionam-se os artigos explorados neste capítulo, apresentando-se resumidamente os principais conceitos abordados e aqueles que têm relação direta com as abordagens desta dissertação, assim como a metodologia e as categorias analisadas pelos autores. Vale destacar que dois estudos são teóricos, ou seja, não apresentam categorias de análise.

Quadro 3 - Estudos empíricos e suas particularidades

Autor(es)	Conceitos Abordados	Abordagem Metodológica	Categorias Analisadas
Friedland (2001)	Comunicação Comunitária Ecológica	Abordagem Qualitativa	Meios Comunicacionais para a Interação
	Agir Comunicativo		
Heracleous e Barrett (2001)	Perspectiva Interpretativista	Abordagem Quantitativa	Discurso dos indivíduos
	Agir Comunicativo		
Chang e Jacobson (2010)	Agir Comunicativo	Abordagem Quantitativa	Protocolo Operacional
Luckmann (2008)	Interação Social	Artigo Teórico	Não relatado
Autor(es)	Conceitos Abordados	Abordagem Metodológica	Categorias Analisadas
Mcluskie (2003)	Interacionismo Simbólico;	Artigo Teórico	Não relatado
	Agir Comunicativo		
Wehrenfennig (2008)	Agir Comunicativo	Abordagem Qualitativa	Necessidade de Diálogo Percepção no Outro.
Rich e Graig (2012)	Agir Comunicativo	Qualitativo	Verdade; Sinceridade
		Estudo Comparativo	Correção Normativa

Fonte: A própria autora (2013)

Nota-se que a análise feita por Wehrenfennig (2008) aproxima-se da necessidade de informações que este trabalho busca ao retratar o agir comunicativo em uma abordagem qualitativa evidenciando em suas categorias de análise a necessidade do diálogo nas organizações e a percepção que os indivíduos têm uns dos outros. Porém, não se analisa o desenvolvimento sustentável nestes processos interacionais, e isso demonstra ser uma face diferencial deste estudo. É importante

ressaltar que a necessidade do diálogo foi uma das temáticas abordadas e, visto que foi explorada pelos participantes dos grupos focais, se tornou em uma das categorias analisadas nesta dissertação.

Ao se considerar que no início dos grupos focais, assim como será abordado no capítulo de procedimentos metodológicos, questionou-se o conceito de desenvolvimento sustentável, busca-se entender a percepção que os indivíduos tem sobre este conceito, o que de alguma forma está relacionado à questão do discurso individual trabalhado por Heraclous e Barret (2011).

Esta busca por trabalhos, envolvendo tanto a questão teórica como a empírica, demonstra que, apesar de estudos recentes nas áreas organizacionais e da comunicação estarem vislumbrando trabalhar sobre o Interacionismo Simbólico e/ou sobre o agir comunicativo e/ou sobre o desenvolvimento sustentável, não se observou a existência ocorrência de estudos que englobem simultaneamente essas três vertentes.

Percebe-se que a maior parte dos trabalhos adotou abordagens quantitativas ao conduzir suas coletas de dados, enquanto que esta dissertação diferencia-se por buscar maior aprofundamento em um estudo qualitativo de caráter exploratório e método descritivo. Como se lê em Godoi (2010), na área dos estudos organizacionais ainda há o predomínio de estudos quantitativos. Evidencia-se a seguir o campo empírico e suas particularidades para a partir desse conhecimento, apresentar os procedimentos metodológicos e sua análise e resultados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Branco e Valsiner (1997) utilizam o termo metodologia para referir-se a todas as etapas do processo de produção de conhecimento, as quais se definem à medida em que este avança. Conforme argumentam Kindermann e Valsiner (1989), a prioridade é considerar a adequação do método à natureza do fenômeno sob investigação e à questão específica que se pretende investigar.

Seguindo os procedimentos metodológicos, foram definidos neste capítulo os caminhos para conduzir a pesquisa empírica. Inicialmente, definiu-se a abordagem como qualitativa, sendo uma pesquisa descritiva, cujas técnicas de coleta de dados foram a observação, a análise documental e grupo focal, apresentando os resultados a partir da análise temática dos dados.

3.1 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Os estudos organizacionais, quando adotam a perspectiva interpretativa, aproximam-se da psicologia social, utilizando conceitos como cultura, interpretação, valores, normas e interação (FRARE, 2006; VERGARA; CALDAS, 2007), ou seja, a percepção das organizações só é possível quando as pessoas compartilham significados (SCROFERNECKER, 2004) intersubjetivos, uma vez que, ao se relacionarem, constroem processos de interação que legitimam esses ambientes. Tendo como princípio esse olhar mais interpretativo na ONG MAE, esta dissertação centra o entendimento no simbólico, através do qual a realidade organizacional é socialmente construída (REED, 1999; PRATES, 2000).

Buscou-se evidenciar a realidade interpretativa para compreender de quais maneiras os processos interacionais fomentam o desenvolvimento sustentável na ONG MAE. Nessa busca, a interação entre os integrantes da ONG MAE, sua percepção do desenvolvimento sustentável e o modo como esses conceitos se complementam no trabalho da organização, foram as principais preocupações nesta dissertação.

Desse modo a pesquisa qualitativa permite conhecer detalhes sobre a forma como os atores veem sua atuação no ambiente. Seguindo a perspectiva construtivista, Creswell (2007, p. 35) afirma que os estudos pautam-se “em significados múltiplos das experiências individuais, significados sociais e

historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão”.

Para tanto, exploraram-se as relações de convivência desses indivíduos, dando-se margem à interpretação dos pesquisados e do pesquisador. Esse é o ponto central desta pesquisa, visto que é pautada em uma teoria, o Interacionismo Simbólico, que considera a reflexão dos sujeitos sobre o mundo como dado premente para a investigação (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

Como apresenta Hudelson (1994, p.80), a abordagem qualitativa busca descrever e analisar a cultura e o comportamento humano em seus grupos, “sem limitar-se a um conjunto de questões pré-definidas, trabalha dentro da noção de processo – interatividade”.

Assim este estudo pretendeu aprofundar o conhecimento sobre uma determinada realidade (GODOI; BALSANI, 2010), adotando-se a pesquisa descritiva, já que sua finalidade é observar, registrar e analisar os fenômenos, sem que haja a interferência do investigador (RAUPP; BEUREN, 2003).

Dessa forma, para a investigação na ONG MAE, optou-se pelas técnicas de coleta de dados, observação não-participante, análise documental, grupo focal, exploradas a seguir, as quais permitem verificar as percepções de interação dos sujeitos sobre desenvolvimento sustentável e o modo como esses conceitos se complementam no trabalho da organização.

3.2 INVESTIGAÇÃO DO CAMPO

Na fase de obtenção de dados para a pesquisa e por melhor adaptabilidade, optou-se pela observação não-participante (MARCONI; LAKATOS, 2011), análise documental (PIMENTEL, 2001) e, por fim, grupo focal (OLIVEIRA; FREITAS, 2010).

Como primeira preocupação, além de frequentar as reuniões da diretoria da ONG MAE, buscou-se, de forma específica a partir da observação não-participante, interagir com os membros do grupo GEA E GTA, a fim de perceber suas inter-relações. Segundo Marconi e Lakatos (2011) o pesquisador entra em contato com o ambiente de pesquisa sem uma participação efetiva ou envolvimento, agindo como espectador da rotina organizacional. É importante destacar que, na

observação, iniciou-se o processo de descrição das ocorrências consideradas relevantes neste trabalho.

Durante as observações, buscou-se constatar como ocorriam os diálogos entre os participantes, investigando-se as interações. Ou seja, a percepção de como aconteciam as reuniões, de que forma os membros dialogavam e interagiam, se haviam acréscimos de informações entre eles e de que forma ocorriam as tomadas de decisão.

Em paralelo, desenvolveu-se a análise documental que, em pesquisas de abordagem qualitativa, se constitui como uma técnica que pode complementar as informações obtidas por outras técnicas, desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Ao ser ela adotada recuperou-se o histórico do Arco Norte, objeto central de análise, o que permitiu conhecer, em profundidade, sua história, os processos de relacionamento, as principais discussões, as entidades envolvidas, a presença da ONG MAE entre outras questões que tornam esse ambiente propício para descobertas.

Percebeu-se que o período de observação não participante na ONG MAE para compor os dados veio favorecer a escolha dos participantes para o grupo focal, visto que se optou por sujeitos mais envolvidos na discussão sobre o Arco Norte.

Por fim, utilizou-se a técnica do grupo focal, que, segundo Oliveira e Freitas (2012), é um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo, visto que o foco ou objeto de análise é a interação entre os seus membros. Dessa forma, a própria definição do grupo focal favorece a coleta de dados para a pesquisa, visto que a intenção do trabalho é analisar a interação, fomentando o entendimento de desenvolvimento sustentável, a partir de duas preocupações, na busca de responder de que maneiras os processos interacionais fomentam o desenvolvimento sustentável.

A principal categoria foi o desenvolvimento sustentável. Inicialmente os participantes dialogaram sobre o que eles acreditavam ser o conceito de desenvolvimento sustentável. Em seguida discutiram em torno das relações entre as ações da ONG MAE e o desenvolvimento sustentável com os participantes do grupo focal.

3.2.1 Participantes do Grupo Focal

Optou-se pela realização desses grupos focais visto que o intuito desta técnica é realizar levantamento com diversos participantes, fomentando o diálogo sobre um mesmo assunto, ampliando o grau de conhecimento sobre o fenômeno, em um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes (TRAD, 2009).

Seguindo-se essas orientações foram realizados dois grupos focais, cujo primeiro contou com participantes do Grupo de Educação Ambiental (GEA) e do Grupo Técnico Ambiental (GTA) da ONG MAE, os quais atuam conjuntamente nas proposições do projeto Arco Norte. Para o segundo convidaram-se lideranças dos mais diversos campos da cidade de Londrina que estão envolvidas na discussão do Arco Norte.

Para o GEA e GTA o convite foi realizado na reunião do grupo, formalizado posteriormente via e-mail (Apêndice I), informando-o sobre a possibilidade ou não de participação, cujo termo de consentimento esclarecido (TCLE) foi entregue antes do início da reunião (Anexo A).

Foram encaminhados 16 convites. Este grupo é composto em sua maioria, por universitários, ao todo 10: cinco acadêmicos da Engenharia Ambiental e um de gestão ambiental da UTFPR e quatro estudantes de biologia da UEL. Os outros quatro, são voluntários que atuam na ONG MAE, por reconhecerem a importância do meio ambiente na melhoria das condições de vida, com áreas de formação diversas: biologia, medicina, jornalismo e administração, o que demonstra a heterogeneidade dos participantes. E os dois coordenadores membros efetivos da ONG MAE, biólogos por formação. Há diversidade também quanto ao gênero: sete membros do grupo são homens e nove são mulheres.

Já para a composição do segundo grupo focal foram identificadas lideranças envolvidas na discussão Arco Norte da região metropolitana de Londrina. Ao todo foram convidados 11 líderes, assim como apresenta o quadro 4, por correspondência (Apêndice III) e na sequência, houve a confirmação de presença se fez por telefone. Dos convidados, seis são incentivadores do projeto, enquanto oito são pessoas que fazem sérias críticas à região escolhida para construção do empreendimento. Quanto ao gênero dos participantes, sua maioria é composta por homens, 09 ao total.

Quadro 4 - Justificativa para convite feito aos líderes preservando sua identidade

Convidado	Entidade	Justificativa
Convidado 1	Associação dos Amigos da Mata do Godoy	É a principal entidade contrária à construção do Arco Norte na região escolhida para o projeto.
Convidado 2	Movimento Ocupa Londrina	Discute a forma que a cidade de Londrina cresce e se desenvolve, apresentando outros benefícios que podem ser alcançados.
Convidado 3	Associação Comercial de Londrina – ACIL	Órgão que vê na construção do aeroporto uma forma de trazer maior desenvolvimento econômico para Londrina, sem afetar a questão ambiental e de conservação do Parque.
Convidado 4	Órgão Público Ambiental	Se faz contrário à construção do Arco Norte por sua proximidade com a reserva e Parque Mata dos Godoy.
Convidado 5	Pesquisadores UEL	Realizam diversas atividades de pesquisa no Parque e acreditam que a construção do aeroporto será prejudicial para a biodiversidade da região.
Convidado 6	Representante da Comunidade	Foi convidado um líder desta região para ser mais um representante que falasse em nome da comunidade próxima da Mata dos Godoy.
Convidado 7	Representante da família fundadora da reserva	Os membros da família Godoy são contrários a construção do Arco Norte pela representatividade que a Mata desempenha na região e também para a história da família.
Convidado	Entidade	Justificativa
Convidado 8	Instituto de Desenvolvimento de Londrina	Órgão que acredita que Londrina necessita de planejamento para crescer e que uma das soluções seria o Arco Norte
Convidado 9	Sociedade Rural do Paraná	Órgão que vê na construção do aeroporto uma forma de trazer maior desenvolvimento econômico para Londrina, sem afetar a

		questão ambiental e de conservação do Parque.
Convidado 10	Idealizadores do Projeto Arco Norte	Grande defensor do projeto que trouxe maiores informações sobre a função do projeto.
Convidado 11	COPATI - Consórcio para Proteção Ambiental da Bacia do Rio Tibagi	Órgão Ambiental que percebe a importância em defender a Mata dos Godoy para a conservação do clima e hidrografia da região norte do Estado do Paraná.

Fonte: A própria autora (2013)

Estes líderes foram selecionados através da pesquisa feita em reportagens sobre o Arco Norte, participando ativamente da discussão do empreendimento e também considerando a sugestão dos membros da ONG MAE, respeitando o critério de seleção adotado: grau de participação e influência no Projeto. Essa seleção respeitou o grau de acuidade, ao selecionar líderes com diferentes opiniões, cujo propósito foi o de fomentar discussões.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nesta pesquisa procura-se compreender uma categoria em profundidade, o desenvolvimento sustentável, e a partir dela os processos interacionais.

Após definir-se qual projeto desempenhado pela ONG MAE seria objeto de investigação nesta dissertação, ocorreu nova observação não participante realizada de setembro a dezembro de 2013, durante as reuniões do GEA e GTA, verificaram-se os diálogos e as ações dos participantes em prol da proteção ambiental na região de Londrina.

Foram também objeto de observação, atividades externas à sede da ONG MAE, as quais ajudaram a perceber a interação entre os membros da MAE e as comunidades, buscando visualizar sua forma de atuação no processo de conscientização dessas comunidades. Com esse acompanhamento observou-se que as formas de interação na MAE e nas diferentes comunidades onde atua tem como prerrogativa o diálogo.

Na análise documental foram considerados jornais e recortes organizados em *clipping* disponibilizados pela própria organização, o *site* da MAE, atas das reuniões, o estatuto da organização, ofícios para órgãos públicos, petições, ou seja documentos oficiais elaborados pela ONG, que permitiram construir a unidade de análise. Nessa busca também foram observadas as ações relativas ao desenvolvimento sustentável da MAE. Essa análise elevou o grau de conhecimento da pesquisadora a estimular e amadurecer as discussões realizadas nos grupos focais.

Na primeira semana do mês de dezembro, dias 04 e 05, reuniram-se os dois grupos focais programados para a coleta de dados da pesquisa. O primeiro contou com a participação de cinco membros do grupo GEA e GTA da ONG MAE, duas universitárias do curso de engenharia ambiental, um médico e dois biólogos. Enquanto que o segundo foi composto por quatro lideranças que discutem o arco norte, a representante da família fundadora da mata, o representante da Associação dos Amigos da Mata do Godoy, um dos fundadores do Projeto Arco Norte e o representante do movimento Ocupa Londrina. Registra-se que na data de realização desse grupo, ocorreu uma tempestade, impossibilitando a participação de outros membros que já haviam confirmado presença.

O tempo de realização dessa atividade foi de 1 hora e meia, duração esta que, segundo Oliveira e Freitas (2012), é satisfatória para a coleta e discussão, e não cansativa para os participantes. Além da pesquisadora que foi responsável pela condução do grupo focal, estiveram presentes mais três acadêmicas, que representaram os papéis de relator, observador e auxiliar extra, além do técnico de filmagem, para o registro. As reuniões dos grupos focais foram gravadas em fitas mini DV e posteriormente transcritas (Apêndice IV e V)

Para a condução dos grupos focais, foi realizada uma análise da discussão teórica emergindo a partir desta construção dois pontos que poderiam trazer contribuições da prática dessa temática para a ONG MAE, Dessa forma a condução dos grupos focais pautou-se sobre o: i) desenvolvimento sustentável e ii) relacionar as ações da ONG com o desenvolvimento sustentável.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

De acordo com Roesch (2005), no processo de análise de dados, deve-se buscar um tema central que englobe os diferentes subtemas para, então, testá-los e compará-los com os objetivos da pesquisa. Utilizou-se como técnica a análise temática, “que como o próprio nome indica, o conceito central é o tema” (GOMES, 2002, p. 67). Braun e Clarke (2006) complementam: a análise temática é um método para identificar e analisar os padrões (temas) de informações que são revelados pelos dados coletados.

Este procedimento metodológico busca observar durante as discussões dos grupos os pontos principais levantados pelos participantes, ou seja, as temáticas que surgiram no transcorrer dos diálogos e que se sobressaíram durante as discussões. Essa análise permitiu ao pesquisador apresentar os temas que emergiram dessas discussões.

Inicialmente observou-se os grupos focais separadamente, visto que aconteceram em períodos temporais diferentes e com díspares participantes. Existe essa preocupação se dá por que a pesquisa qualitativa apresenta caráter pontual, além de revelar temáticas diferenciadas, trazendo maior riqueza à análise.

Em um segundo momento examinaram-se as possíveis ligações entre os grupos focais a fim de se buscarem conexões para identificar as temáticas, nas discussões desenvolvidas pelos participantes. Por fim, à luz da teoria do Interacionismo Simbólico, do agir comunicativo e do desenvolvimento sustentável, já abordadas neste trabalho, realizou-se a análise dos dados.

3.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Mesmo considerando que em pesquisa qualitativa o importante são as opiniões e não o volume de opiniões, os resultados apresentados e discutidos poderiam ser mais amplos se tivesse sido possível a presença de outros líderes. Nesse sentido a riqueza das informações e da possibilidade de novos temas emergirem poderia ampliar o espectro de análise dessa pesquisa. Ressalta-se que no processo de apresentação da proposta de pesquisa e confirmação da presença, o pesquisador teve contato com o assessor e não diretamente com o líder, o que pode ser justificativa para a menor participação dos líderes no grupo focal.

Apesar de os grupos focais terem discutido dois pontos, outras discussões poderiam ter emergido como temas e serem aprofundados se a pauta de discussões e o tempo de duração do grupo fossem mais amplos. Essa observação nos leva a valorizar as categorias pesquisadas, mas também compreender que as possibilidades do tema em estudo não se esgotam nas discussões levantadas nos grupos focais.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo inicialmente apresenta-se o campo empírico relatando sobre as particularidades da ONG MAE, do projeto Arco Norte e a justificativa para essa. Em um segundo momento apresenta-se os resultados dos grupos focais, discutindo-se na sequência as aproximações e os opostos analisa-se os grupos focais separadamente, para que finalmente, sejam relacionados as particularidades e proximidades dos dois encontros em uma análise conjunta.

4.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

As Organizações Não governamentais, também denominadas Terceiro Setor (RODRIGUES, 1998) ou Organizações Cívicas Autônomas (PERRUZO, 2009), são historicamente conhecidas “pela trajetória de atuação em defesa da democracia, dos direitos humanos, da cidadania, da assistência social e da participação popular local, enfrentando situações próprias de cada região” (CASIMIRO; FREITAS, 2008, p. 3). Evidencia-se a partir dessa concepção que essas organizações podem colaborar para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, priorizando o respeito aos direitos humanos, o que pode vir a influenciar, por exemplo, o grau de consciência sustentável e o respeito ao próximo. Organizações que privilegiam essa visão se opõem a existência de sujeitos em opressão. Seguindo nessa direção, Peruzzo (2009) reforça a necessidade de defesa e reivindicações em prol desses indivíduos.

Dessa forma, tais ONGs atuam em qualquer área onde a população se sinta lesada, seja pela incúria de setores públicos, seja pela ganância de setores privados (RODRIGUES, 1998). Entende-se que elas, surgem pela vontade de um grupo cuja visão comum se volta para problemas que impactam a sociedade e, as que estão à margem das decisões políticas na expectativa de melhorias, a partir da conscientização de todos.

Assim surge a ONG Meio Ambiente Equilibrado - MAE, associação civil sem fins lucrativos, fundada em 2001 por voluntários e estagiários do Ministério Público do Meio Ambiente. Seus interesses estão voltados para a defesa do meio ambiente, notadamente na região da cidade de Londrina-PR, no intuito de despertar o interesse da população para os problemas ambientais e a preservação do meio

ambiente e dar-lhe apoio jurídico no oferecimento de denúncias junto aos órgãos públicos.

A defesa do meio ambiente é a principal preocupação da ONG MAE, cujas ações abrangem a região metropolitana de Londrina, que, de acordo com o IBGE (2013), engloba mais de 1 milhão de habitantes. As ações dos membros da ONG com a sociedade a auxiliam na difusão de conhecimento sobre sustentabilidade, podendo ampliar o senso crítico da população sobre esta temática.

Sua equipe é formada por 14 indivíduos que atuam na ONG, há 2 anos ou desde sua formação. Esses membros compõem a diretoria da organização, estrutura que trata apenas da formalização necessária para documentações exigidas por lei, uma vez que o processo de trabalho é extremamente flexível. De acordo com seu estatuto, a cada dois anos há eleições para nova diretoria, podendo haver reeleição dos membros, para os mesmos cargos, apenas uma vez. Apesar do caráter formal da eleição, que deve contar com ata registrada em cartório e outros tramites legais, as candidaturas sempre ocorreram de comum acordo entre os membros, ou seja, o mais apto para cada cargo é indicado, compondo uma única chapa.

Os integrantes da MAE possuem diferentes formações acadêmicas, como direito, jornalismo, biologia, *marketing* e propaganda, gestão ambiental, medicina, o que favorece atuações multidisciplinares desempenhadas pela MAE, o que amplia sua visão, em razão das diferentes especialidades, que ao discutirem os processos consideram inúmeras perspectivas para a tomada de decisão. Há ainda a presença de voluntários que desenvolvem atividades na MAE e, após completarem um ano de atuação junto aos projetos, podem ser convidados a integrar o grupo, assumindo papéis mais ativos, assumindo suas responsabilidades. Tanto os integrantes como os voluntários não estão sujeitos a horários nem a demanda fixa de trabalho na sede da organização, ocorrendo encontros para a discussão e organização das atividades são programadas livremente pelos diferentes grupos que nela atuam.

As ações da ONG MAE se definem nos grupos de estudo, de forma a estabelecer a organização interna dos trabalhos e a atuação dos membros. Algumas comunidades, que já reconhecem a atuação da MAE nesses 08 anos de atividades, se dirigem a ela para obter informações sobre demandas específicas que ocorrem em determinadas comunidades, principalmente em assuntos que dizem

respeito ao meio ambiente, e também participam das discussões dos grupos. Essa atuação crescente da MAE tem demandado a criação de eventos e atividades que reúnam diferentes grupos para discutirem os assuntos em pauta, detalhados a seguir.

4.2 AS FRENTES DE TRABALHO E PROTEÇÃO AMBIENTAL DA ONG MAE

A ONG MAE, em razão de crescentes atividades e para melhor se organizar, estruturou-se em grupos de trabalho que discutem as especificidades dos seus propósitos. Esses grupos atuam em áreas diferenciadas, mas priorizam a troca de informações, fazendo uso da conversação e discussão nas reuniões de diretoria que acabam pautando o movimento das próximas reuniões específicas de cada grupo. A estrutura da ONG MAE se resume em quatro grupos: Grupo de Estudos em Direito Ambiental (GDA), Grupo Técnico Ambiental (GTA), Grupo de Comunicação Ambiental (GCA) e Grupo de Educação Ambiental (GEA). Atualmente, o GTA e o GEA reúnem-se conjuntamente, pela proximidade e complementação que proporcionam às ações da ONG (detalhes das ações podem ser consultados <http://www.ongmae.org.br>).

Estes grupos ampliam conhecimento nas áreas jurídicas, na questão técnica e científica, incentivando a constante participação de seus membros em conferências, e se fazem presentes com ações que vão desde a publicação de artigos e trabalhos científicos à execução de ideias baseadas em conceitos globais. Discorrem sobre as atividades desenvolvidas pelos grupos que formam a ONG MAE.

O Grupo de Estudos em Direito Ambiental (GDA) auxilia cidadãos em causas judiciais que envolvem o direito ambiental e urbanístico. O grupo é formado por estagiários, estudantes de Direito das diversas instituições de ensino de Londrina, voluntários e advogados da ONG, que realizam todas as etapas do inquérito civil, da investigação à denúncia da Justiça em ação civil pública. Os membros do GDA ainda elaboram artigos, teses, relatórios e organizam informações da realidade vivenciada por eles, buscando documentos que alimentam processos judiciais, investigações e levantamentos próprios, do Ministério Público, da polícia e dos órgãos ligados ao meio ambiente de Londrina (MAE, 2014).

O Grupo de Comunicação Ambiental (CGA) é, em princípio, responsável por divulgar as ações da ONG, ou seja, alimenta o *site* da instituição,

elaboram *releases*, fotos, textos e artigos para jornais, rádios e outros *sites* e canais televisivos sobre casos e atividades da MAE. Também investiga informações e produz registros úteis à compreensão das questões ambientais da cidade. São compostos por estudantes e profissionais de jornalismo, relações públicas, publicitários e *designers*. Este grupo não tem reuniões periodicamente, mas se reúne quando é exigido o trabalho conjunto da equipe (MAE, 2014).

O Grupo de Educação Ambiental (GEA) une as áreas de educação e pedagogia, agrupando profissionais e interessados na educação ambiental como elemento fundamental da mudança. De uma forma geral, participam principalmente acadêmicos de biologia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, porém, qualquer pessoa pode participar do GEA. Sua atuação se desenvolve tanto em trabalhos educacionais em empresas privadas, ministrando cursos sobre a melhor gestão ambiental no ambiente organizacional, como em ações educativas em instituições de ensino, onde a interação com crianças e adolescentes prioriza maior conscientização deles para com o meio ambiente. Suas ações podem ser desenvolvidas tanto em sala de aula, com a montagem de cartazes e maquetes, como no ambiente externo, no plantio de árvores e no recolhimento de lixo nos arredores da comunidade (MAE, 2014).

O Grupo Técnico Ambiental (GTA) é formado por universitários e voluntários, cujas formações são de áreas do conhecimento conexas com a questão ambiental. De forma específica, envolvem-se biólogos e engenheiros ambientais. Este grupo fornece embasamento científico utilizado para compor os procedimentos jurídicos do GDA (MAE, 2014).

De forma mais específica, ele é responsável por elaborar perícias, laudos, análises de impactos ambientais e relatórios sobre solo, recursos hídricos, fauna, flora e zoneamento urbano. Os profissionais do GTA também atuam em projetos de recuperação ambiental, em estudos e pesquisas sobre conservação, participando de ações da ONG ou prestando serviços a órgãos, empresas e instituições ligadas ao meio ambiente (MAE, 2014).

Atualmente, o GTA e o GEA fazem suas reuniões e participam de atividades em conjunto, pois são grupos responsáveis pela participação da campanha Arco Norte Sim, Perto da Mata Não, que discute a construção de um aeroporto de cargas próximo de uma reserva ambiental: a Mata dos Godoy, discussão da qual esta dissertação trata. Este projeto é uma iniciativa de um grupo

formado por proprietários rurais da região, pesquisadores do meio ambiente da região norte, simpatizantes da conservação ambiental e representantes de órgãos jurídicos, que juntamente com a ONG discutem os impactos que esta construção pode causar considerando não apenas a unidade de preservação, mas toda a região metropolitana de Londrina.

Esta discussão, que vem acontecendo desde 2012, na qual várias ações a fim de formalizar o projeto de construção começaram a ocorrer, como a transformação de áreas próximas da mata em território de utilidade pública e a visita de empresários norte-americanos a Londrina. Assim, essa campanha pode ser considerada um exemplo da atuação da ONG MAE com vistas a dar sustentação às reivindicações feitas por um grupo que necessita de auxílio para levar todos a conhecerem os problemas que afetam sua região e que possam passar a discutir em sociedade.

Foi necessário conhecer a atuação da ONG em suas inúmeras frentes para a partir dessa análise definir um caminho a ser pesquisado requisitou vivenciar a realidade da MAE para que as escolhas fossem alternativas possíveis para novas descobertas.

4.3 VIVENCIANDO O CAMPO EMPÍRICO

Desde setembro de 2012, no intuito de conhecer a organização e os indivíduos que a compõem, optou-se pela participação na reunião da diretoria que ocorre às terças-feiras pela manhã. A experiência de gestão da ONG é que por seus integrantes serem voluntários, os quais exercem atividades com alto grau de comprometimento, em algumas ocasiões não é possível reunir todos os integrantes para as reuniões, em virtude das suas atividades profissionais. Mesmo assim grande parte dos integrantes disponibiliza esse período para a MAE e na falta da presença há o compromisso de manter-se informado nos acontecimentos.

Nessas reuniões, todas as atividades desenvolvidas na ONG são trazidas para debate e apoio mútuo, por exemplo, no caso quando a ONG se inscreve em editais governamentais ou particulares para promover ações que beneficiem o desenvolvimento sustentável da região. É necessário que todos os integrantes, cada um atuando em sua área específica, contribuam com seus conhecimentos para o projeto.

Dessa maneira, pode-se verificar um panorama geral das ações da ONG MAE e sua forma de trabalho conjunta, o que possibilitou obter maior detalhamento do campo de estudo para esta dissertação. Ao todo foram acompanhadas 20 reuniões, cujos principais assuntos pautados foram o Projeto Londrina Verde, que auxiliava pequenos proprietários rurais a legalizar ambientalmente suas propriedades, além de instruí-los a outras formas de plantio; o Projeto Pegada no Parque, que buscou conscientizar as pessoas sobre o parque Arthur Thomas e os animais que a reserva abriga; as ações de Educação Ambiental juntamente com as escolas e também palestras para os funcionários de empresas; problemas relativos ao direito ambiental e problemas ambientais que impactavam a região, como o lixo e sua coleta e correta destinação, os pombos na região central de Londrina, o abandono do Bosque Municipal. Mais recentemente, desde janeiro de 2013, houve a inserção da discussão dos problemas decorrentes da pretendida construção do Arco Norte próximo à reserva Mata do Godoy, atividade escolhida como foco de pesquisa deste trabalho, já que o acompanhamento das ações pode ser evidenciado desde o início pela pesquisadora e por caracterizar uma das principais atuações até então enfrentadas pela MAE.

Este período de permanência na ONG, foi importante para conhecer melhor suas ações, seus participantes e perceber a complexidade de sua organização, tão diversa das organizações privadas, principalmente em dois sentidos: pela instabilidade financeira que as ONGs, de uma forma geral, enfrentam, mas também pela união e desenvolvimento de grupos de trabalho. A atuação dos indivíduos que pertencem a este ambiente se mostra mais expressiva, no sentido de comprometimento e doação de tempo, e por ações que resultam em benefício à comunidade, apesar da pouca permanência na sede da ONG MAE.

Os diálogos são direcionados de modo que se chegue a um consenso entre os membros, porém as opiniões de todos são consideradas o que torna o processo coletivo frequente e a troca de conhecimentos mais intensa. Nesses diálogos e discussões, vê-se que a sustentabilidade de alguma forma está inserida nas pautas de reunião, já que as ações da ONG MAE buscam a conservação e a proteção ambiental. Há ainda ações que também impactam na melhoria das condições de vida da população, como foi o Londrina Verde, em que os produtores rurais foram beneficiados com melhoria em sua produção e conseqüentemente em sua renda. Dessa forma a atuação da ONG MAE não apenas

influencia a questão ambiental da região metropolitana de Londrina, mas também na busca de melhores condições de vida da população beneficiada indiretamente com a ação da MAE.

Percebe-se, nas conversações o exposto pelos membros quando o assunto é a organização hierárquica da ONG. Apesar de nos documentos oficiais, existir uma formalização de cargos, na rotina das atividades propostas este elemento estrutural realmente não é considerado pelos membros, já que todos tem a palavra e são escutados da mesma forma.

Atualmente, a ONG MAE está inserida em uma grande discussão que vem dividindo a opinião pública na região metropolitana de Londrina. Existe um projeto para a construção de um aeroporto de cargas nas proximidades da Mata dos Godoy, uma área de preservação ambiental permanente, importante para controle do clima e chuva, além de outros ativos ambientais.

Esse projeto visa não só a construção de um aeroporto de cargas, mas também armazéns para instalação de empresas, e todo um complexo logístico de malhas rodoviárias, que beneficiarão diretamente as cidades de Apucarana, Araçongas, Rolândia, Cambé, Londrina, Ibiporã, Jacarezinho e Assaí, e indiretamente todo o norte do Paraná. No projeto inicial há ainda a indicação do crescimento de vagas de emprego, o que aumentaria a renda da população, além de outros benefícios econômicos.

Em contrapartida ao desenvolvimento econômico, há os riscos ambientais que essa construção pode provocar nesta região. O local escolhido para a construção se encontra ao lado do Parque Ambiental Mata dos Godoy, uma das últimas reservas naturais de mata nativa do norte do Paraná. Abrigando em seus 690 hectares de área 180 espécies de aves silvestres e 65 de mamíferos. Para a visitação do público, reserva-se 10% da área do parque com portais, trilhas interpretativas, opções de lazer variadas e programas de educação ambiental, enquanto que os outros 90% são destinados à pesquisa ambiental (SILVA; BARNABÉ; MOURA, 2013).

Ao redor da Mata dos Godoy, existem inúmeras faixas de mata nativa preservada que funcionam como um importante corredor ecológico para animais da Mata Atlântica, aumentando ainda mais o espaço para alimentação e procriação de espécies. Essa biodiversidade, além de abrigar 28 espécies de animais e extinção, é responsável pela regulação do clima da região metropolitana

de Londrina e pela purificação da água consumida na região. As nascentes de rios do Parque abastecem as cidades de Londrina, Cambé e Arapongas.

A fim de frear a discussão e a tramitação do projeto Arco Norte, a comunidade local criou a Associação dos Amigos da Mata dos Godoy e em parceria com a ONG MAE, foi lançada a campanha Arco Norte Sim, Perto a Mata Não, cujo intuito não é desmerecer o projeto que visa o desenvolvimento econômico da região, mas de proteger o Parque desta construção. Assim, parte-se para o relato dos procedimentos metodológicos que buscaram pela análise temática revelar os diversos olhares sobre essa realidade.

4.4 A COLETA DE DADOS DOS GRUPOS FOCAIS

De uma forma geral, percebe-se que os integrantes dos dois grupos focais, apesar de estarem ligados a mesma temática, o Arco Norte, apresentam formas distintas de compreensão sobre a Mata do Godoy. O primeiro, composto por estudiosos das áreas de biologia e gestão ambiental, vê a mata como um objeto de estudo raro que deve ser preservado. Já o segundo, composto por profissionais de diversas áreas que moram ou já moraram nas proximidades da reserva, por ter maior convivência com o local, vê a mata como um refúgio da correria das grandes metrópoles, um ambiente intocado pelos seres humanos, que pode ser modificado em prol do desenvolvimento econômico para o futuro. Nesse sentido, é importante destacar que os participantes do segundo grupo fazem parte de organizações, que contribuem com a discussão do planejamento para um futuro melhor na região metropolitana de Londrina.

Percebeu-se que durante o primeiro grupo focal houve, em vários momentos, a necessidade de interferência da pesquisadora para fazer com que alguns participantes, viessem a expor suas opiniões. Destacou-se a participação de um dos sujeitos que contribuiu com maior intensidade; mesmo assim, ressalta-se que a afinidade presente no grupo tornou a discussão natural e um processo onde todos não só participaram, mas ressaltaram as opiniões dos outros colegas, dando sequência à conversação.

Ressalta-se que no segundo grupo, por existir a presença tanto de sujeitos contrários como defensores do projeto Arco Verde, as discussões foram mais intensas, ocorrendo inclusive alteração no tom de voz e nas argumentações

Porém, apesar dessa diversidade ambos os grupos ressaltaram a importância que a floresta desempenha para a região norte do Paraná.

Exploram-se primeiramente as opiniões dos membros da ONG MAE e, em seguida, o levantamento das lideranças da comunidade para na sequência identificar temáticas comuns que ocorreram nos grupos focais.

4.5 GRUPO FOCAL 1: O DIÁLOGO DA ORGANIZAÇÃO

No primeiro grupo focal puderam ser destacadas as seguintes temáticas: o tripé da sustentabilidade – econômico, ambiental e social e a necessidade de conscientização da população.

A primeira temática a ser trabalhada neste trabalho é o tripé da sustentabilidade, pois se percebeu que esta perspectiva foi a mais considerada e discutida durante o grupo focal. Inicialmente os participantes deram maior enfoque para a questão ambiental, incorporando a temática econômica e social durante o andamento da discussão.

Durante o período de observação na ONG MAE não houve um diálogo por parte dos membros da ONG a respeito do conceito de sustentabilidade, o que nos levou a definir como primeira categoria a ser explorada a visão dos participantes do grupo focal sobre desenvolvimento sustentável. Essa busca se fez importante, no intuito de entender o conceito que norteia as ações da ONG MAE.

Assim como ocorre em diversas conceituações teóricas, a partir de um conceito amplo surgem especificidades, pautadas na vivência e nas experiências que cada participante possui. Se considerarmos o conceito clássico do relatório de Brundtland (1987) cada sujeito apresenta um olhar diferenciado sobre desenvolvimento sustentável. Isso ressalta, por exemplo, a qualidade de vida, o ser humano no processo entre outras interpretações que validam o conceito de desenvolvimento sustentável, mas também demonstram as diversas possibilidades de entendimento, as inúmeras interpretações que esses sujeitos, mesmo pertencendo a um grupo específico como o da ONG MAE, possuem sobre desenvolvimento sustentável.

Olha, a gente tem lido aqui que o desenvolvimento sustentável, e o que mais existir nessa temática, são ações que se desenvolvem no sentido de garantir para as futuras gerações um futuro com mais qualidade de vida. (Participante 1)

É que no meu ponto de vista, justamente aquele desenvolvimento que consiga né captar, que ele seja sustentável no ponto de vista social né, econômico e ambiental para garantir um futuro né do ponto de vista do ser humano. (Participante 2)

Por desenvolvimento sustentável também vem à tona a gente conversar sobre a utilização dos recursos naturais, o como utilizar o recurso natural porque ele é finito, ele não é infinito. (Participante 3)

Eu acho que o desenvolvimento sustentável tem dois pontos de vista, um que você privilegia apenas a área ambiental [...] ou juntamente com a área econômica. (Participante 4)

É que nem o Participante 3 falou de desenvolvimento sustentável né, a exploração dos recursos são finitos, então que essa exploração seja de uma forma sustentável, mas que minimize esses impactos. (Participante 5)

Enquanto que o primeiro participante embasa-se na definição da WCED (1987) ao dar importância para a qualidade de vida das futuras gerações, o segundo dá enfoque no tripé da sustentabilidade (ELKINGTON, 1999): as vertentes ambiental, social e econômica. Já o terceiro participante ressalta a preocupação com recursos finitos e infinitos, enquanto que o quarto apresenta a discussão entre proteção ambiental ou benefício econômico. Por fim, em uma complementação a uma das opiniões exposta, a participante 5 comenta sobre a minimização dos impactos na exploração do meio ambiente.

Percebe-se que a partir de um conhecimento inicial dos membros, emergiram novas visões sobre desenvolvimento sustentável. Cada participante trouxe um aspecto que compõem a grande discussão de sustentabilidade, que de certa maneira se complementaram durante a continuidade das discussões.

Houve vários momentos que os participantes exaltaram a discussão das futuras gerações salientada pelo Relatório de Brundtland (1987). Ao considerar o risco que uma construção de grande porte, como o Arco Norte, traz para o entorno de uma área de proteção ambiental, no sentido de ameaçar animais silvestres, assim como espécies da flora nativas desta região, além de possíveis contaminações de nascentes, os participantes expõe se a preservação deste espaço não seria uma herança mais sustentável para o futuro.

Mas agora, você pegar uma mata nativa como é a Mata dos Godoy, pra quem conhece, é um crime que não vai entrar no discurso do desenvolvimento sustentável para a futura geração. (Participante 1)

Pra essa geração atual não se tem um discernimento da importância ambiental, então eis o grande desafio nosso: de falar de maneira categórica sobre a importância do meio ambiente, pensando futuramente (Participante 2)

Imagina todos esses grandes especialistas (saneamento de água, estrutura, viária, estrutura de construção civil) conversando junto e colocando e fazendo esses painéis de 50 anos e 100 anos pra uma cidade, considerando a questão ambiental. (Participante 3)

Os participantes tem a consciência de que é necessário pensar na preservação dos recursos e que isso só é possível a partir do planejamento e da discussão entre os membros da sociedade. Todas as ações para um melhor desenvolvimento seja no aspecto ambiental, econômico e social, não pode ser medida em curto prazo. Neste sentido Shriberg (2000 apud UEHARA et al. 2010) destaca que os resultados de uma maior conscientização na atualidade requer um período longo para que sejam percebidas mudanças. Eles consideram ainda que, o grande ponto a ser explorado nestes diálogos é o que deve ser sustentado, o que é qualidade de vida, quais são os valores-chave da civilização (VOS, 2007) para se atingir um desenvolvimento sustentável.

Nas discussões revelou-se a preocupação com as questões econômica, ambiental e social, na qual os participantes da ONG MAE evidenciam a necessidade da sociedade ampliar sua consciência sobre desenvolvimento sustentável, a fim de ir além das questões apenas econômicas. Essa preocupação revela a própria essência da ONG MAE de trabalhar o nível de consciência das diferentes comunidades sobre a equidade do desenvolvimento sustentável. É com a consciência de que para criar uma sociedade que pense mais sustentavelmente é necessário que os sujeitos não pensem apenas em questões econômicas, mas que haja equidade com o desenvolvimento social e ambiental.

E também a gente pega um outro gancho das futuras gerações, não, desenvolvimento, você tem que crescer, desenvolver socialmente, economicamente e ambientalmente. (Entrevistado 1)

Acho que o papel da ONG é dar alguma equidade no tripé da sustentabilidade, porque faz com que o meio ambiente não seja apenas um adjetivo. (Entrevistado 2)

Agora eles também dizem que vai gerar uma série de emprego, ou seja, já estão dando uma cara do seguinte: pelo crescimento e emprego que nós

vamos gerar, compensa o impacto ambiental que vai dá na mata. (Entrevistado 1)

Isso reflete o pensamento de se pensar o social e o ambiental e o econômico dentro de um empreendimento, e olhar e ter o foco maior para a questão econômica. (Entrevistado 3)

Ainda nesta visão de entender a sustentabilidade a partir do *triple botton line* de Elkington (1999) em alguns momentos percebe-se que houve mais destaque para as questões ambientais e econômicas, sem a menção da preocupação social.

É que nem o Participante 3A falou de desenvolvimento sustentável né, a exploração dos recursos são finitos né. Então, que essa exploração seja de uma forma sustentável, mas que minimize esses impactos. Que esses impactos ambientais sejam menores. (Participante 5)

(A compensação ambiental) foi o jeito que a gente resolveu de conseguir tratar de uma forma regrada uma destruição com importância de desenvolvimento econômico. (Participante 3)

Eu acho que a ONG, ela é uma força social que ajuda a não esquecer desse lado ambiental, de não só pensar que está tudo certo, que mesmo que você tente compensar ambientalmente (os estragos provocados pelo econômico), não é do mesmo nível, não se equipara. (Participante 4)

Este ponto remete ao início da discussão sobre desenvolvimento sustentável, cujo enfoque principal era a amenização dos impactos ambientais em detrimento do desenvolvimento econômico, sendo que com o passar do tempo houve a incorporação da questão social nesta conjuntura. Como destaca Vos (2007) apesar do desenvolvimento econômico ser o principal indicador de qualidade para a sociedade, ocorreram avanços relativos à proteção ambiental e social.

Com o crescimento da preocupação sobre as questões ambientais os indivíduos e os problemas sociais passaram a ser mais valorizados neste processo. Como explora Schultink (1992) acredita-se que o cuidado com os recursos naturais pode trazer melhorias para as comunidades, visto que os indivíduos, biologicamente falando, pertencem ao meio ambiente e estão em constante interação.

Eu acho que o desenvolvimento sustentável tem dois pontos de vista, um que você privilegia a área ambiental, que você fala que você vai fazer ações para minimizar o impacto ambiental mesmo ou na área econômica, porque todo o resíduo que você gera é uma despesa de produção. (Participante 4)

Se você pegar qualquer documento do ministério do meio ambiente, fala do desenvolvimento sustentável o tempo todo. E o ministério tem os instrumentos pra vim elaborando N instrumentos para avaliação do meio ambiente, dos impactos ambientais. (Participante 1)

É complicado a gente saber que tem leis que garantem que um local (Mata do Godoy) e a zona de amortecimento desse local não podem ter determinados de uso, e o município muda o zoneamento da região por vontade política para desenvolvimento econômico. (Participante 3)

Assim como exemplifica a participante 4 apontando a redução de resíduos como ganhos de produção, percebe-se que nas falas dos membros há um maior direcionamento para a questão econômica e ambiental. Muitas ações em prol da preservação do meio são visando ganhos monetários, ou seja, as questões ambientais se tornam relevantes quando há retorno econômico, o que demonstra a falta de preocupação com a sustentabilidade nos dias atuais.

Após o início das discussões sobre o desenvolvimento sustentável, para que novos empreendimentos pudessem ser implantados em áreas de preservação ambiental, passou-se a calcular o impacto desta nova construção e de que forma poderiam ser revertidos os efeitos negativos. Assim como ressalta Jacobi (2003) de que é necessário repensar a relação de utilização do meio ambiente em contrapartida de ganhos econômicos.

Foi o jeito que a gente (biólogos) resolveu de conseguir tratar de uma forma regrada uma destruição (ambiental) com importância de desenvolvimento econômico, mas ambientalmente [...] está sendo perdido. (Participante 3)

Não é um empreendimento (Arco Norte) de pouco impacto para começar, e próximo ao fragmento de mata nativa, preservada, que serve de pesquisa [...] não adianta querer colocar uma coisa que causa impacto nela [...] um impacto contínuo. (Participante 1)

A essência dele (conceito de desenvolvimento sustentável) é aquela preocupação de diminuir os impactos para ter o futuro garantido, isso é possível. (Participante 2)

A grande discussão que atualmente envolve o projeto Arco Norte, é o local escolhido para sua construção. A proximidade do aeroporto traria grandes impactos para o meio ambiente a ponto de colocar em risco todo ecossistema da região. Neste exemplo o impacto ambiental que será causado não pode ser

desconsiderado por grandes ganhos econômicos, como a instalação de novas empresas nesta região e melhor logística para transporte dos produtos, e desenvolvimento social, como geração de emprego e renda, melhorias na educação técnica, entre outras.

Com o passar do grupo focal houve a inserção da questão social nas discussões. Ou seja, não há como relatar sobre impactos ambientais sem que estes impactem na vida das comunidades próximas, o que deveria proporcionar uma discussão maior sobre o desenvolvimento sustentável não apenas na esfera política, mas envolvendo a sociedade.

A experiência brasileira não demonstrou que você tem um empreendimento grande, de grande investimento e retorno econômico, mas que a população que passou fazer parte desse contexto tenha melhora na qualidade de vida dela. (Entrevistado 1)

Os economistas, os políticos, eles veem o desenvolvimento social como um desenvolvimento quantitativo, e porque gera mais consumo, gera mais mão de obra. Então tem que rever o que que está sendo considerado nesse desenvolvimento social. (Entrevistado 4)

A gente não tem expertise para focar no desenvolvimento social apenas na ONG MAE. Por outro lado, algumas ações (Londrina Verde; apoio às cooperativas de reciclagem) a gente vêm fazendo ao longo do tempo, elas têm um cunho social forte. (Entrevistado 2)

Na verdade tem uma porção social que a gente conseguiu introduzir para eles, questões legais, pra legitimar eles como uma associação de trabalhadores, em prol de uma atividade comum. (Entrevistado 3)

É interessante perceber que a ONG tem a consciência de que suas ações mesmo priorizando a questão ambiental, impacta em algumas comunidades, como apontam as falas dos entrevistados 2 e 3. Os membros da MAE deixam transparecer, sua atuação no auxílio de comunidades carentes na conquista por seus direitos, assim como argumenta Perruzzo (2009) de que os sujeitos em opressão necessitam de organizações que os auxiliem na busca por melhorias na qualidade de suas vidas, seja por meio de ações práticas ou na conscientização de todos.

E neste contexto de realizar a conscientização da população que a ONG MAE atua de forma impactante na cidade de Londrina, visto que inúmeros projetos concomitantes da ONG favorecem a discussão dos problemas ambientais. A conscientização foi apontada pelos participantes do grupo focal como uma das

principais atividades desempenhadas na atuação da MAE, sendo este tópico de discussão evidenciado como a segunda temática explorada nesta análise.

No período de observação na ONG MAE, pode-se perceber que, a principal preocupação da organização, em relação ao desenvolvimento sustentável, é de como transformá-lo em ações que beneficiem as comunidades. Há ainda a realização de campanhas que buscam ampliar a conscientização da população, a fim de que esta possa dialogar e refletir, com maior frequência, suas ações no meio ambiente.

Essas ações de educação ambiental são conduzidas não apenas em forma de palestras, mas em ações práticas, como visitas. Em uma das reuniões o GEA convidou e informou aos outros membros da ONG, que realizaria uma observação de pássaros em uma das reservas que circundam a cidade, onde os participantes não apenas visualizariam os pássaros, mas também seriam instruídos sobre as espécies em extinção entre outros assuntos.

No grupo focal, essa vertente educacional da ONG, foi apontada em diversos momentos pelos membros, demonstrando que o trabalho da MAE não se limita às suas estruturas físicas, mas sim, junto às comunidades e o meio ambiente. Percebe-se que a preocupação da ONG é em auxiliar as diferentes comunidades a se tornarem mais atuante na discussão ambiental.

Acho que o nosso papel no desenvolvimento sustentável é dessa forma: disseminando informações, seja na mobilização ou mostrando a realidade ambiental. (Entrevistado 2)

Então eu acho que a ONG, com o conhecimento ambiental que ela e de todos integrantes têm por objetivo divulgar isso pra população, cobrando os políticos, e fazer com que a população também cobre pra enfatizar que a área ambiental é muito importante. (Entrevistado 4)

Com relação à comunidade nós já fizemos alguns eventos. O maior acho que foi um grande encontro no calçadão, onde a gente procurou colocar pra população essa questão do serviço ambiental, levamos um mapa da Mata dos Godoy, para que ela olhasse percebe-se o que significa um terreno, a extensão dessa mata, ter uma ideia. (Entrevistado 1)

Essa área ambiental, do desenvolvimento sustentável, a gente precisava trabalhar não só entre a gente, mas entre a população em geral, porque eu vejo muito déficit nisso. Que as pessoas não tem consciência. (Entrevistado 4)

Essa discussão sobre a necessidade de diálogo sobre a sustentabilidade está presente na obra de Zambon e Ricco (2012), já que os

impactos das decisões de poucos afetam o cotidiano de toda uma comunidade. É importante destacar o quanto a união dos sujeitos em interação favorece a defesa de suas comunidades, mas acima de tudo, o quanto as interações contribuem para o crescimento dos indivíduos.

Um fato curioso, é que os participantes do primeiro grupo focal tiveram a percepção de que esta atividade acadêmica os levou a dialogar com maior profundidade assuntos que fazem parte de seu cotidiano, e que com a rotina do dia-a-dia acabam não sendo discutidos.

Você nos deu oportunidade de falar coisas que às vezes a gente lá no momento do próprio GTA, com tanta coisa, a gente tem assim direção, vamos dizer, a diretriz da ONG, que a gente sabe como é que as pessoas pensam, como as pessoas atuam e tal, mas raramente a gente tem a oportunidade de realmente sentar um dia, marcar uma reunião específica pra dizer: vamos discutir o desenvolvimento sustentável. (Participante 1)

A gente teve a oportunidade de ouvir a opinião de pessoas que a gente convive que às vezes a gente não parava para pensar nisso também [...] cada um de uma área tem os pontos de vista diferentes. (Participante 4)

Eu acho que deu pra ver que a interação que acontece entre nosso grupo, é uma interação que ela tem uma base que praticamente todo mundo conhece e depois cada um, no seu papel, consegue discutir com profundidade diferente, com olhar diferente. (Participante 3)

Ressalta-se nesse sentido que a possibilidade de se discutir sobre um assunto, no caso aqui, desenvolvimento sustentável, pode trazer para um grupo que já possui um pré-conhecimento sobre o assunto, um amadurecimento no entendimento o que pode vir a trazer para essa organização novos processos de se pensar com maior intensidade sobre o desenvolvimento sustentável uma vez que ficou claro nas discussões que a ONG MAE por mais ações que desenvolva nesse campo, ainda não havia parado para discutir essa temática em profundidade.

A fim de verificar novas reflexões a respeito da discussão sobre o Arco Norte, explora-se o segundo grupo focal que foi constituído de lideranças pertencentes à região metropolitana de Londrina, que estão envolvidas com este projeto.

4.6 GRUPO FOCAL 2: O DIÁLOGO DAS LIDERANÇAS

No segundo grupo focal puderam ser destacadas as seguintes temáticas: o tripé da sustentabilidade – econômico, ambiental e social; e a necessidade de diálogo com a população.

Nesta reunião havia um líder favorável ao Projeto Arco Norte e outros três contrários a sua construção, gerando tensão entre os participantes em muitos momentos. Por essa razão a discussão ocorreu, em grande parte do tempo como um debate entre os posicionamentos.

As discussões nesta reunião foram iniciadas solicitando aos participantes que compartilhassem suas concepções de desenvolvimento sustentável, a fim de ter a percepção que os entrevistados obtinham sobre o assunto. Nesta discussão foi evidenciada a primeira temática abordada neste trabalho: o tripé da sustentabilidade.

As opiniões dos membros da comunidade enaltecem a experiência que eles vivenciam na tentativa de conter a construção do Arco Norte, para que o meio ambiente continue prevalecendo ao redor do Parque Mata do Godoy. Já os representantes de entidades buscaram embasar suas exposições a partir de ideias teóricas. Assim como aponta Redclif (2006) o conceito de sustentabilidade é aceito pelos indivíduos a partir de sua necessidade ou do que eles acreditam como verdadeiro, o que demonstra o caráter simbólico do conceito de desenvolvimento sustentável. Atenção conclusão.

É o desenvolvimento que proporciona um desenvolvimento, não um crescimento, um crescimento das pessoas, mas com respeito ao meio ambiente, e de forma que ele não seja agredido, que ele garanta a sustentabilidade pra essas pessoas naquele lugar. (Participante 3)

Embora a questão ambiental seja relativamente recente na história da humanidade [...] a nossa visão é a mesma do mundo inteiro, são seis eixos: os três primeiros é o social, o econômico e o ambiental, e agora incorporando o cultural, o espacial e o político. (Participante 1)

Ali, ela tem origens vitais. Nós temos ali mananciais de água, nós temos a filtragem de água para os lençóis, nós temos os ribeirões, a vida biológica, as pesquisas. (Entrevistada 2)

Então, foi justamente baseado nisso, vendo toda essa destruição que poderá acarretar um empreendimento desse tamanho, o tamanho do desequilíbrio que pode gerar pra região, principalmente pros mananciais. (Participante 4)

O primeiro líder aponta sobre as várias vertentes que se originaram para o alcance da sustentabilidade, originadas do conceito trabalho por Elkington, já o terceiro reflete sobre a necessidade de se desenvolver o econômico para toda sociedade, ao invés de apenas haver o crescimento de divisas sem equidade. Por sua vez, os participantes 2 e 4 trazem a tona na discussão a importância que a área de reserva tem para o meio ambiente. Ou seja, a visão de sustentabilidade que os participantes têm, é baseado em sua vivência na área de preservação, o que demonstra que para eles a Mata dos Godoy auxilia no desenvolvimento sustentável da região, a partir da prestação de serviços ambiental, vitais para a sobrevivência da sociedade.

Esses benefícios que as áreas de preservação próximas a conglomerados urbanos oferecem, nem sempre são de conhecimento da população, fazendo com que os sujeitos não percebam a conectividade da mata com seu dia-a-dia, como por exemplo, na regulação climática. O ponto alto das discussões recai sobre a necessidade de preservação do parque, que para os líderes representa uma herança mais sustentável para as futuras gerações.

Ela fornece uma série de serviços ambientais que vão ser colocados em risco e que pode prejudicar a nossa sustentabilidade aqui, enquanto comunidade. (Participante 3)

Só de ribeirão que nós temos nesse entorno, quantos ribeirões nós temos? Não sei delimitar exatamente onde que seria a distância da mata, mas no mínimo 10 (dez) quilômetros. Então, sabe é Taquaral, é Três Bocas, é córrego Esperança, é Ponte Funda, Apertados, tudo dentro desse curto espaço. (Participante 4)

Nós estamos falando em beneficiar os corredores ecológicos que existem nesta região, o que beneficiaria toda a biodiversidade e também os rios, a gestão pela água. (Participante 1)

Já existe a nossa Mata do Godoy, as nossas reservas particulares que ajudam os bichos a se alimentarem, a procriarem, a viverem tranquilos, animais que hoje quase não se vê mais. (Participante 2)

A consciência dos participantes quanto à importância da mata reflete tanto a necessidade de sobrevivência da região metropolitana de Londrina, que necessita dos rios dessa região, por exemplo, como da preservação de espécies em extinção da região. Nas falas dos líderes apresenta-se a correlação entre a necessidade de se sustentar a Mata dos Godoy, para que seja possível a

sustentabilidade da sociedade, ou seja, há a preocupação com o ambiental e o social.

Atualmente discute-se que é difícil alguns empreendimentos que gerem desenvolvimento econômico, como indústrias químicas e petrolíferas, e que são fundamentais em nossa sociedade, se implantar sem que afete o meio ambiente. E dessa forma, criaram-se modelos para compensação ambiental, ou seja, criam-se projetos para a minimização dos efeitos nocivos ao meio ambiente.

Para o líder favorável ao projeto o planejamento de compensação ambiental é capaz de beneficiar a área do Parque Mata dos Godoys, sem que haja grandes perdas. Já para outro participante a história da colonização do Paraná demonstra que em prol do desenvolvimento econômico a preservação ambiental foi esquecida. Essas diferentes visões são construções individuais vivenciadas durante suas trajetórias de vida, que fazem com que cada líder tenha uma percepção diferenciada sobre o Arco Norte.

Então, na bacia dos Apertados, onde a gente tem o grosso da Mata e todo o rio, nós temos previsto nesse projeto, não sei se vocês conhecem, mas tem a ampliação de mais três mil e duzentos hectares, seis vezes o tamanho da mata. (Participante 1)

A gente vê o Paraná desde que foi entregue um pedaço aos ingleses, como pagamento de uma dívida [...] ela não teve um planejamento para se tornar sustentável, e ela foi devastada de forma aleatória, assim, enlouquecidamente, só visando o desenvolvimento que era a produção de café, na época. (Participante 2)

Não adianta a gente construir um aeroporto ao lado de uma reserva que é única que a gente tem, que vai comprometer a vida, que ela presta uma série de serviços ambientais, a mata a floresta [...] Ele (Arco Norte) vai colocar em risco esse ambiente. (Participante 3)

O grande ponto levantado pelos líderes contrários à construção do projeto é o grande desequilíbrio ambiental, em uma área de preservação única na região norte do Paraná, que pode ser gerado, frente ao retorno financeiro. Neste sentido Pearce (1992) concorda que o desenvolvimento não pode ser desenfreado, porém deve haver restrições a novos empreendimentos, quando os danos para o meio ambiente e a sociedade são maiores do que os ganhos. Dessa forma, é necessário que as comunidades sejam incluídas nesta discussão, a fim de trazer a tona diversas opiniões sobre o projeto, o que gerará maior confiança na toda de decisão.

Assim como destaca Vos (2007) não há consenso sobre a sustentabilidade, já que este conceito é amplo, o que possibilita inúmeras possibilidades de interpretação. Dessa forma, na discussão envolvendo uma das vertentes do *triple botton line* (ELKINGTON, 1999), a questão social, a opinião dos líderes também gerou várias maneiras de enxergar a mesma realidade. O projeto Arco Norte promete auxiliar o desenvolvimento social na região, porém para o participante 4 há comunidades que não serão contempladas com esse projeto.

Então essas pessoas, proprietários de terras próximos a Mata, que são pequenos proprietários, a gente sabe que cada um tem suas propriedades, as suas reservas, tem lá seus bichos, pra sobrevivência e que sabem q por ali transitam aves e tudo mais. (Participante 4)

Nós tínhamos aqui na região 10% da população abaixo da linha da pobreza em 2005. No último censo de 2010 passamos a 12,5%. É necessário desenvolver renda, planejamento e o Arco Norte trará mais prospecção para a região. (Participante 1)

Então, há emprego. Quando eu precisei de gente boa pra trabalhar lá na fazenda, eu não achei [...] Falta profissionais, precisa de tudo isso [...] um projeto dessa magnitude com toda essa característica, mas que precisa de profissionais qualificados, pra que isso seja executado. (Participante 2)

Quanto à questão social, há inúmeras frentes para entender o problema considerando o projeto Arco Norte: primeiramente se encontram os pequenos proprietários próximos à região da Mata dos Godoy que serão desalojados de suas terras, por uma quantia irrisória, que pode não garantir mais a sobrevivência de sua família. Em outra perspectiva apresenta-se o Arco Norte como um auxílio para melhoria da qualidade de vida da população de baixa renda, pois poderá oferecer novas frentes de trabalho. Por fim, apresenta-se a preocupação com o nível de instrução da população abaixo da linha da pobreza, sendo necessário inicialmente capacitar as comunidades para que elas se beneficiem com este projeto. Assim demonstra-se que em várias discussões envolvendo o desenvolvimento sustentável, haverá situações em que, haverá pessoas sendo beneficiadas a custo do sacrifício de outras. Isso confirma a necessidade de discutir os rumos da sociedade envolvendo a todos, cujas decisões sejam pautadas buscando melhorias para o futuro e não priorizem apenas a questão econômica.

Os representantes da sociedade e as organizações devem ter em mente que a lucratividade dos empreendimentos, nos dias atuais, não justifica a degradação do meio ambiente e prejuízos para as comunidades (JACOBI, 2003), ou

seja, deve-se investir em desenvolvimento econômico mais sustentável. E apesar da preocupação social e ambiental, apresentada pelos líderes, a construção do Arco Norte traria para a região Norte substancial desenvolvimento econômico, trouxe a tona no debate outras formas de investir no desenvolvimento econômico de forma mais sustentável.

Eu fiz a minha especialização em agronegócios, e minha pesquisa foi em cima de produção de flores na região como uma nova cultura a desenvolver renda e geração de empregos. A gente só não produz flores por que a gente não quer, porque o mercado consumiria toda a flor produzida, ou seja, perdem-se oportunidades como essa. (Participante 3)

O que a gente percebe, por exemplo, que por falta de planejamento nós estamos perdendo oportunidades fantásticas de produção, de geração de emprego, trabalho e renda. (Participante 1)

Houve esse desmatamento pela produção, essa produção é que dá divisas, traz divisas pros municípios, traz impostos e nós estamos vendo aí o próprio país tendo o seu superávit com problemas, mas a nossa produção agrícola não está propiciando esse prejuízo. Nós estamos tendo dificuldade sim, exatamente com estrutura no sentido de transporte. (Participante 2)

A fala do líder 3 demonstra um exemplo sustentável de empreendimento para a região que vai ao encontro com o exposto por Jacobi (2003), traria desenvolvimento econômico com benefícios para as outras vertentes da sustentabilidade. Já o participante 1, a fim de defender sua iniciativa com o projeto Arco Norte, expõe o déficit que o país enfrenta ao tentar se desenvolver por falta de planejamento, etapa essa que foi estudada para gerar inúmeros benefícios para a região. Por fim, a participante 2 ressalta os estudos para melhorias de planejamento e de estrutura para que haja crescimento econômico, o que não justifica a necessidade de se colocar em risco uma área de preservação.

A construção de um empreendimento que beneficie o desenvolvimento da região metropolitana de Londrina, não é visto com maus olhos pelos participantes contrários ao Arco Norte. Porém existem três fatores que são as principais causas do descontentamento de todos: sua localização próxima à Mata dos Godoy; não há o estudo para implantação do projeto em outras localidades e a falta de um estudo detalhado sobre os impactos ambientais que o aeroporto causaria na reserva. Os líderes contrários ao Arco Norte, representam comunidades que tem como preocupações o zelo por este patrimônio ambiental da região.

Olha sinceramente eu gostaria que tivéssemos outro local. Eu mesmo me debrucei dentro desta perspectiva. Nós não temos uma condição física tão boa quanto essa. Naturalmente existe outras possibilidades distantes, e muda-se completamente o projeto. (Participante 1)

A minha consideração é essa: eu a princípio não sou contra o Arco, eu nunca fui contra o progresso. O ser humano precisa evoluir. Eu sou contra o local. (Participante 2)

Um projeto que não tem fundamentação, um estudo que garanta que ele não vá prejudicar aquela região, que ele não vá atrapalhar a vida que ele tem ali, que é um ativo ambiental riquíssimo e que pode ter um atrativo muito maior do que um aeroporto, se ele for bem explorado [...] ele já começa manco. (Participante 3)

Só que nós criamos uma Associação de Defesa da Mata dos Godoy. Sabe, não foi criado por uma ou duas pessoas não. Ela foi criada por quase uma centena de pessoas, das pessoas todas que moram ao seu entorno. (Participante 4)

As falas dos líderes demonstram que o desenvolvimento econômico não é desconsiderado para que se tenha a preservação ambiental, mas que se deve inicialmente ser realizado estudos que garantam que o meio ambiente não seja comprometido. Para isso é necessário que as comunidades, juntamente com o poder econômico e o estado possam dialogar a fim de identificar novas visões sustentáveis. Essa preocupação do grupo em discutir e tornar público as questões envolvendo o desenvolvimento sustentável, evidenciar a segunda temática: a necessidade de diálogo com a população.

Assim como explanam Hirsch e Hardorn (et al. 2008, apud, GODEMANN; MICHELSEN, 2010) nas interações que tenha como pauta o meio ambiente é necessário evidenciar os interesses sociais, políticos e econômicos para trazer soluções para os problemas da sustentabilidade. Ou seja, é necessária uma ampla discussão, que considere diversas visões, para uma visão global buscando o desenvolvimento sustentável, o que certamente pode trazer novos conhecimentos para os grupos que discutem esse processo, transformando o pensar e o desenvolvimento de novas ações que potencializem o desenvolvimento sustentável.

Então a gente tem que defender a natureza, vamos defender. Nós precisamos defender aquilo que a gente acredita e que é real. (Participante 4)

Eu acho louvável que as pessoas se posicionem e se aprofundem nos seus argumento e que possam contribuir pro processo de construção coletiva (Participante 1)

Esse projeto inicialmente, os que tiveram essas ideias não conversaram com nenhum proprietário, para informar, nos convidar pra debater, ouvir nosso ponto de vista. Vocês foram fazendo assim, passou por cima de todo mundo. (Participante 2)

Demonstra-se que a proximidade, a troca, pode dedicar-se como estratégia de interação. Ou seja, os líderes percebem a importância do diálogo franco, neste processo de implantação de um projeto tão controverso, visto que são nesses processos interacionais, que as informações se tornam favoráveis para criar uma ideia a respeito do assunto. A interação se mostra um aspecto fundamental no compartilhamento de ideias, que possam complementar a construção coletiva, ou seja, a partir do diálogo as comunidades se tornam mais fortes e também sua forma de encarar a realidade.

4.7 ANÁLISE CONJUNTA DOS GRUPOS FOCAIS

Os grupos focais ocorreram sobre uma mesma ótica: o entendimento de desenvolvimento sustentável, porém a formação com diferentes públicos, fez com que as discussões se tornassem distintas. A partir da capacidade de reflexão que os indivíduos possuem um mesmo fenômeno ganha diferentes pontos de vista (CARVALHO; BORGES; RÉGO, 2010), o que demonstra a importância das inúmeras visões que os membros dos grupos focais expuseram, já que propiciaram diversas interpretações para este trabalho.

No primeiro grupo focal os participantes expuseram suas visões numa tentativa de construção coletiva, já que em vários momentos houve a complementação de ideias, a retomada de assuntos já discutidos por outros participantes. Isso demonstra que a vivência do grupo na organização tornou a interação mais coesa e com maior respeito entre os participantes. Pode-se dizer que, o processo de reciprocidade da interação, que ocorre quando os sujeitos se veem no outro sujeito e buscam pelos diálogos serem compreendidos, a fim de serem entendidos, permeou as discussões.

Já no segundo grupo focal percebeu-se uma disputa de opiniões, fato este justificável ao considerar que havia visões opostas sobre o Arco Norte, apresentando suas considerações. Os próprios participantes comentaram que o projeto Arco Norte ainda não havia sido discutido pelos integrantes da MAE e lideranças, com tanta intensidade como quando da realização do grupo focal. Esta

falta de diálogo gerou muitas informações desconstruídas tanto a respeito da construção do projeto como das reivindicações dos participantes contrários. Ao perceber-se que é falho o diálogo entre as próprias lideranças municipais, esse fenômeno se torna reflexo da falta de posicionamento da atual sociedade sobre os projetos que os impactarão.

Apesar da heterogeneidade de opiniões presentes nos grupos focais, perceberam-se semelhanças nas temáticas exploradas pelos participantes, expostas a seguir. Isso reflete que para ambos os grupos focais os tópicos que mais se destacam na discussão do desenvolvimento sustentável são a necessidade de desenvolvimento econômico, ambiental e social, além da conscientização da população.

As vertentes do tripé da sustentabilidade (ELKINGTON, 1999) foram assuntos discutidos em ambos os grupos focais. Enquanto que no primeiro grupo focal deu-se maior destaque para a necessidade da proteção ambiental, no segundo grupo focal a questão econômica esteve mais presente na discussão. Ocorrem essas diferentes formas de exemplificação, pois apesar de a sociedade influenciar na formação dos sujeitos, também há características pessoais inseridas na maneira de pensar dos indivíduos (BLUMER, 1969).

Outro ponto abordado nos grupos focais a respeito da questão ambiental foi à minimização dos efeitos negativos que a sociedade gera no ambiente. Tanto os membros da ONG MAE como os líderes trouxeram outros exemplos aquém do projeto Arco Norte, apesar de este ter tido um destaque maior frente a outros casos. Apesar de a conscientização ser um ponto destacado em ambos os grupos focais, percebe-se que o diálogo dos grupos ainda pode apresentar melhorias.

Os participantes do primeiro grupo focal afirmaram que, apesar de internamente as discussões serem constantes, fato também observado durante as reuniões da MAE, com a rotina e as atividades organizacionais os membros não reservam períodos para a discussão do desenvolvimento sustentável. Para eles esse exercício de reflexão da teoria é importante, pois é um tema presente em suas ações e também por seus membros serem, em sua maioria, pesquisadores.

No segundo grupo focal os participantes perceberam que seus posicionamentos não são opostos ao projeto Arco Norte. Os propositores da construção percebem que a Mata do Godoy é um espaço que deve ser preservado,

e que o projeto pode auxiliar essa área no intuito de aumentar o espaço de preservação. Enquanto que os líderes contrários ao Arco Norte, veem no projeto uma grande oportunidade de crescimento para a cidade de Londrina, porém acreditam que esta construção possa ser construída em outro espaço cujo impacto ambiental possa ser menor. Ou seja, a partir da abertura para o diálogo os líderes podem atuar de maneira conjunta para que tanto a proteção ambiental seja pensada, ao mesmo tempo em que projetos para o desenvolvimento econômico regional sejam beneficiados.

Evidenciando o primeiro objetivo específico, percebe-se que o desenvolvimento sustentável para a ONG MAE pode ser evidenciado como a necessidade de se proteger e desenvolver o meio ambiente, numa perspectiva regional, sem deixar de pensar no crescimento econômico, porém é necessário haver planejamento para que tanto as gerações atuais como as futuras sejam beneficiadas. Ou seja, para esta organização muito além de se pensar ambientalmente é necessário que haja equidade no tripé da sustentabilidade e esta busca é uma das atividades que a MAE desenvolve com as comunidades regionais.

Como visa explorar o segundo objetivo específico as ações da ONG se dão por meio do desenvolvimento de atividades práticas e também do diálogo contínuo com a sociedade, o que reflete na manutenção e fortalecimento deste relacionamento, sendo um exemplo desta relação à parceria entre a Associação dos Amigos da Mata do Godoy com os membros da ONG, na busca pelo fortalecimento da proteção da área de preservação. Dessa forma as trocas interacionais na MAE sempre se renovam com novas formas de visualizar o desenvolvimento sustentável, vivenciadas por seus membros em suas atividades organizacionais.

Assim, apresentando as percepções sobre o último objetivo específico os processos interacionais se apresentam como os responsáveis pelo entendimento do desenvolvimento sustentável na MAE, já que essa percepção será diferente em cada comunidade e só será possível construir esse conhecimento pela comunicação entre os sujeitos.

Dessa forma percebe-se que os membros dos grupos focais tem uma visão limitada sobre interação, pois não apontaram a necessidade de conhecer a realidade e o conhecimento vivenciado pelos indivíduos. Houve apenas a discussão da necessidade por conhecimento que a sociedade deve ter sobre as questões envolvendo o desenvolvimento sustentável. Na perspectiva do

Interpretativismo Simbólico é por meio da interação que os sujeitos são capazes de dialogar, ao invés de apenas disponibilizar conhecimentos sem buscar entender as formas de entendimento das comunidades.

Assim, o interacionismo simbólico pode ser percebido no cotidiano dos sujeitos em interação, buscando a partir de suas identidades, dialogar e se fazer entendido a um grupo, a fim de que haja continuidade na discussão de determinado tema. As diversas opiniões podem construir um pensamento coletivo, que se torna mais forte, em virtude de sua complexidade de pontos de vista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo da ONG MAE, a interação é a principal responsável por fomentar o desenvolvimento sustentável da organização, visto que é graças aos diálogos entre os participantes e também entre a comunidade, que se forma a visão e a consciência do grupo em prol da sustentabilidade. Percebeu-se que a interação não só é responsável pela formação do grupo MAE, mas também pela manutenção do contato com as comunidades, o que credibiliza a atuação e a existência da organização.

O desenvolvimento sustentável na organização é entendido como necessidade de se repensar as ações em prol do desenvolvimento econômico, para priorizar a sustentação da vida para as futuras gerações. Nesta visão há ainda o destaque para se desenvolver uma sociedade com equidade nas questões ambientais, sociais e econômicas.

Apesar da ONG priorizar ações que busquem a conscientização de comunidades, não há evidências da busca pela discussão da sustentabilidade entre as gerações, o que demonstra que pode se tornar uma preocupação da ONG no futuro. Em virtude dos membros da ONG ter formação mais voltada para as áreas biológicas, destaca-se em suas ações uma maior preocupação com a proteção ambiental, atividade esta destacada pelos participantes como a responsável pela criação da organização e sua principal prerrogativa.

Na ONG MAE, verifica-se a ocorrência de comportamentos cooperativos, ou seja, os sujeitos buscam entendimento mútuo a fim de dialogarem. Dessa forma, os indivíduos se tornam mais conscientes, já que suas formações pessoais são resultado das interações com o grupo. A partir do momento em que há um grupo disposto a interagir de forma a ceder espaço para que todos participem, ocorre a formação de indivíduos e o fortalecimento de sua atuação na sociedade.

Assim como em seu envolvimento na discussão sobre o Arco Norte, as ações de conscientização de comunidades auxiliam tanto no repasse de informações para a população, que a partir da visão dos membros da ONG podem repensar suas ações, contribuindo para novas práticas mais sustentáveis. Da mesma forma, a vivência dos sujeitos vem a contribuir com a formação da MAE, o que resulta em uma troca de vivências que contribuem mutuamente, auxiliando no desenvolvimento sustentável.

Os líderes da região percebem a necessidade que o diálogo tem na formação dos indivíduos e também para a construção de projetos, que irão beneficiar a sociedade e que a ONG, seja no seu papel de conscientização ou de denúncia, sendo um parceiro presente na região metropolitana de Londrina para auxiliar a todos na preservação dos recursos ambientais.

Os estudos da interação se fazem importantes para compreender como os significados da sustentabilidade são construídos, implementados e mantidos nos indivíduos que por sua vez construirão coletivamente o pensar das organizações, assim como ocorre na ONG MAE.

Na tentativa de possibilitar novos estudos este trabalho buscou entender o papel ativo na construção e nas mudanças do pensamento organizacional, o que reflete num pensamento mais humanizado das práticas empresariais. Há, ainda, a necessidade de aprofundamento das inúmeras formas de se ver e de se vivenciar a sustentabilidade na atualidade.

Assim, este trabalho demonstra uma nova forma de entender a realidade organizacional, ao observar os sujeitos construindo e modificando as estruturas e a atuação das organizações. Esta visão torna estes ambientes mais humanizados e passíveis de mudanças, não apenas pelas necessidades requisitadas pelo mercado, mas pela construção coletiva dos sujeitos.

Os estudos que retratam o desenvolvimento sustentável fundamentado a partir da realidade e vivência de cada indivíduo ou grupo podem representar um acréscimo para os estudos em sustentabilidade, ao abordar novas formas de entender este fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ABOULAFIA, M. **Philosophy, social theory, and the thought of George Herbert Mead**. Nova York: State University of New York Press, 1991.
- ALCARÁ, A.; TOMAÉL, M. I.; DI CHIARA, I. Das redes sociais à inovação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005.
- ALDIABAT, K.; LE NAVENEC, C.-L. Philosophical roots of classical grounded theory: It's foundations in symbolic interactionism. **The Qualitative Report**, v. 16, n. 4, p. 1063-1080, 2011.
- ALFIERI, A. **A framework to measure the interaction between the economy and the environment**. OECD. [S.l.]. 2000.
- ALMEIDA ARAÚJO, I. M. D.; OLIVEIRA, M. V. D.; CARVALHO FERNANDES, A. F. Compreensão do modelo de King sobre o paradigma do Interacionismo Simbólico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 6, p. 715-718, nov/dez. 2010.
- ARANA, A. M. F. D. R. Clima Organizacional E Integração No Trabalho: um estudo de caso em escolas de ensino fundamental. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO - SEMEAD., 13., São Paulo. **Anais...** São Paulo, Setembro 2010.
- BACCHIEGGA, F. Desvendando o campo da sociologia ambiental. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 5., Belém do Pará. **Anais...** Belém do Pará, 2012.
- BALDISSERA, R. Organizações como complexus de diálogos, subjetividade e significação. In: _____ **A comunicação como fator de humanização das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão, 2010.
- BARBIER, E. The concept of sustainable economic development. **Environmental Conservation** , v. 14, n. 2, p. 101-110, 1987.
- BARBIERI, J. C. et al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 146-154, abr./jun. 2010.
- BARBIERI, J. C. **Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos instrumentos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
- BARONI, M. Ambiguidades e deficiências no conceito de desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, n. 32, n. 2, p. 14-24, abr./jun 1992.
- BATISTELLA, M. **Processos comunicacionais e sustentabilidade na cia. alfa alimentos**. 2012. 104p. Dissertação (Mestrado em Administração)- Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BLANCO, A. **Cinco tradiciones de la psicología social**. Madrid: Morata, 1988.

BLUMER, H. A natureza do Interacionismo Simbólico. In: MORTENSEN, C. **Teoria da comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980. p.119-138.

BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall., 1969.

BOLAÑO, C. **Indústria cultural, informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec, 2000.

BOLZAN, J. **Habermas: razão e racionalização**. Ijuí: Unijuí, 2005.

BORGES, L.; ALBUQUERQUE, F. Socialização organizacional. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRANCO, A.; VALSINER, J. Changing methodologies: A co-constructivist study of goal orientations in social interactions. **Psychology and Developing Societies**, v. 9, p. 35-64, 1997.

BRUNDTLAND. Relatório de. Nosso Futuro Comum. **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**, v. 10, 1987.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Social paradigms and organisational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Great Britain: Heinemann Education Books, 1979.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARDOSO, O. Comunicação empresarial versus comunicação organizacional: novos desafios teóricos. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 40, p. 1123-1144, nov./dez. 2006.

CARVALHO, V. D. D. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos organizacionais. **Revista Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 583-607, 2011.

CARVALHO, V.; BORGES, L.; RÊGO, D. Interacionismo simbólico: origens pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2010. p. 146-161.

CASALI, A. Paradigmas em comunicação organizacional. **Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación ALAIC 2004 - GT Comunicação Organizacional y Relaciones Públicas**, La Plata, 2004.

CASIMIRO, A.; FREITAS, L. Modelos de gestão em organizações não-governamentais: da gestão original à gestão estratégica. **V Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGET**, Resende, 2008.

CHANG, L.; JACOBSON, T. Measuring Participation as Communicative Action: A Case Study of Citizen Involvement in and Assessment of a City's Smoking Cessation Policy-Making Process. **Journal of Communication**, p. 660–679, 2010.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - CMMAD. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COOREN, F.; TAYLOR, J. Organization as an effect of mediation: Redefining the link between organization and communication. **Communication Theory**, p. 219-260, 1997.

CORREIA, J. C. **Comunicação e cidadania**: os media e a fragmentação do espaço público na sociedades pluralistas. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

COSSETTE, P. The study of language in organizations: a symbolic interactionist stance. **Human Relations**, v. 51, n. 11, p. 1355-1377, 1998.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry & research design**: Choosing among five approaches. Thousand Oaks, California: Sage, 2007.

CRUZ, C. Comunicação organizacional e pressupostos da comunicação integrada: a experiência em uma universidade na implementação/reestruturação do jornal institucional. **Conexão Comunicação e Cultura (UCS)**, Caxias do Sul, Jan/Jun 2007.

DENNIS, A.; PETER, M. Symbolic interactionism and the concept of power. **British Journal of Sociology**, v. 56, n. 2, p. 191–213, June, 2005.

DEWEY, J. **The public and its problems**. in **John Dewey: The Later Works 1925-1953**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1984. v. 2.

DUNPHY, D.; GRIFFITHS, A.; BENN, S. **Organisational change for corporate sustainability**. 2. ed. London: Routledge, 2007.

ELKINGTON, J. Triple bottom line revolution: reporting for the third millennium. **Australian CPA**, v. 69, p. 75, 1999.

FERREIRA, A. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, R. **Indivíduoação e socialização em Jürgen Habermas**: um estudo sobre a formação discursiva da vontade. São Paulo: Annablume, 2000.

FIGUEIREDO, P. "Aprendizagem tecnológica e inovação industrial em economias emergentes: uma breve contribuição para o desenho e implementação de estudos empíricos e estratégias no Brasil". **Revista Brasileira de Inovação**, v. 3, n. 2, p. 323-362, 2004.

FISKE, J. **Introduction to communication studies**. London & New York: Routledge, 1990.

FONTANILLAS, C. N.; PALMIERI, B. D. R.; OLIVEIRA, J. T.. A comunicação organizacional como visão estratégica utilizando o empowremet como fator determinante para o desenvolvimento de uma organização. **Revista Pensamento Contemporâneo** , 2008.

FRANÇA, V. V. Contribuições de G.H. Mead para pensar a comunicação. **XVI Encontro da Compós**, Curitiba, 2007.

FRANÇA, V.; MAIA, R. A comunicação e a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos.. In: LOPES, M. I. **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 187-203.

FRARE, I. **Estrutura e cultura na mudança das instituições**: um estudo sobre a complexidade do processo de desenvolvimento institucional- o caso do fundo nacional de desenvolvimento da educação (FNDE). Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - FGV, Rio de Janeiro, 2006.

FRIEDLAND, L. A. Communication, community, and democracy : toward a theory of the communicatively integrated community. **Communication Research**, 2001.

GENELOT, D. **Manager dans la complexité**: reflexions à l'usage des dirigeants. 3. ed. Paris: Insep Consulting, 2001.

GEORGE, J.; CAMPBELL, D. Patterns of dissent and the celebration of difference: Critical social theory and international relations. **International Studies Quarterly**, p. 269–293, 1990.

GODEMANN, J.; MICHELSEN G. **Sustainability communication**: interdisciplinary perspectives and theoretical foundations. [S.l.]: Springer, 2010.

GODOI, C.; BALSINI, C. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELO, R. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 89-113.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr 1995.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. IN: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade, v. 22, p. 67-80, 1994.

HABERMAS, J. **La lógica de las ciencias sociales**. Madrid: Tecnos, 1988.

HABERMAS, J. **Notas programáticas para a fundamentação de uma ética do discurso**. In: _____. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HADORN, G. H. et al. **Handbook of transdisciplinary research**. Dordrecht: Springer, 2008.

HAGUETTE, T. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, J. R. Social Organization and Pathways of Commitment: Types os Communal Groups, Rational Choice Theory, and the Kanter Thesis. **American Sociological Review**, v. 53 out. 1988. p. 679-692.

HALL, P. M. Interactionism and the study of social organization. **The Sociological Quartely**, v. 28, n. 1, p. 1-22, 1987.

HANNIGAN, J. **Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social**. London: Routlege, 1995.

HEAL, G.; KUNREUTHER, H. You only die once: Managing discrete interdependent risks. **NBER Working Paper Series.**, 2003.

HERACLEOUS, L. A. BARRETT M. Organizational change as discourse: communicative actions and deep structures in the context of information technology implementation. **Academy of Management Journal**, 2011.

HUDELSON, P. M. **Qualitative research for health programmes**. Division of Mental Health – WHO, Geneva, 1994.

I. B. G. E. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2013.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, 2003.

JACOBI, P. Meio Ambiente e Sustentabilidade. In: CEPAM **O município no século XXI: cenários e perspectivas**. São Paulo: [s.n.], 1999. p. 400.

JEON, Y.-H. The application of grounded theory and symbolic interactionism. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v. 18, p. 249-256, 2004.

JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

KANTER, R. M. Commitment and Social Organization: A study of commitment mechanisms in utopian communities. **American Sociological Review**, v. 33, p. 85-105, 1968.

KANTER, R. M. Symbolic interactionism and politics in systemic perspective. **Sociological Inquiry**, v. 42, n. 3, p. 77-92, 1972.

KINDERMANN, T.; VALSINER, J. Strategies for empirical research in context-inclusive developmental psychology.. In: VALSINER, J. **Cultural context and child development**. Toronto-Göttingen-Bern: [s.n.], 1989. p. 13-50.

KRAMER, G.; FARIA; DE, J. H.. Vínculos organizacionais. **Revista da Adinistração Pública**, v. 41, n.1, p. 83-104, fev. 2007.

KUNREUTHER, H. H. Interdependent Security. **Journal of Risk and Uncertainty**, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LENGLET, F.; FADEEVA, Z.; MOCHIZUKI, Y. ESD Promises and Challenges: Increasing its relevance, Global Environmental Research. **Education for Sustainable Development: Promices and Challenges**, v. 14, n. 2, p. 93-100, 2011.

LENZI, C. **Sociologia ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade**. Bauru: EDUSC, 2006.

LIMA, C. R. M. D.; CARVALHO, L. D. S.; LIMA, J. R. T. Notas para uma administração discursiva das organizações. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 11 n. 6, dez. 2010.

LIMA, F. As contribuições do paradigma relacional para o estudo da comunicação no contexto organizacional. In: **CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS**, Belo Horizonte, 2008.

LIMA-E-SILVA, P. Uma luz no fim do túnel. **Revista Arché**, Rio de Janeiro, n. 25 1999.

LINNENLUECKE, M. K. G. A. Corporate sustainability and organizational culture. **Journal of World Business**, n. 45, p. 357-366, 2010.

LOIOLA, E.; PORTO, G. Aprendizagem organizacional das empresas do Prêmio Finep de Inovação. **Revista Economia & Gestão**, v. 8, n. 18, p. 32-53.

LUCKMANN, T. On Social Interaction and the Communicative Construction of Personal Identity, Knowledge and Reality. **Organization Studies** , 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANIS, J.; MELTZER. B. **Symbolic Interaction**. 2. ed. Boston: Allyn & Bacon, 1972.

MARCHIORI, M. **Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas**. São Caetano: Difusão, 2010.

MARCHIORI, M. Os desafios da comunicação interna nas organizações. **Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 9, n. 17, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Pala Athenas, 2001.

MCLUSKIE, E. Reading Humboldt Through The Theory Of Communicative Action: The Demographic Potential Os Symbolic Interaction. **The Public**, p. 25-44, 2003.

MEAD, G. **Espiritu, persona y sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paidós, 1934.

MENDONÇA, J. R. C. D. Interacionismo Simbólico: uma Sugestão Metodológica para a Pesquisa em Administração. **REAd**, v. 8, n. 2 mar/abr 2002.

MIDTGARDEN, T. Critical Pragmatism: Dewey's Social Philosophy Revisited. **European Journal of Social Theory**, 2012.

MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: Evolução dos Conceitos Teóricos e os Problemas Da Mensuração Prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, n. 16, 2004.

Mining and Energy Research Network Research Bulletin. [S.l.], p. 153-161. 2000.

MOCHIZUKI, Y.; FADEEVA, Z. . COMPETÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SUSTENTABILIDADE. IMPORTÂNCIA E DESAFIOS PARA A EDS. **InterfacEHS-Revista de Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 6, n. 1, 2011.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MORRIS, C. George H. Mead como psicólogo e filósofo social.. In: MEAD, G. **Espiritu, persona y sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paidós, 1982.

MOSCHETA, M. Movimeto, diversidade e autoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, jan/mar 2013.

OECD. **Technology and competitiveness**, Paris, 1990.

OLIVEIRA, I. D. L. Objetos de estudo da comunicação organizacional e das relações públicas: um quadro conceitual. **Organicom**, v. 6, n. 10/11, p. 57-63, 2009.

OLIVEIRA, I. D. L.; PAULA, C. F. C. **Interfaces e tendências da comunicação**. São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

OLIVEIRA, M.; FREITAS, H. Focus Group: instrumentalizando o seu planejamento.. In: GODOI, C. K.; BANDEIRADE-MELLO, R.; SILVA, A. B. D. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2010.

PALMA, G. O **interaccionismo nas investigações linguísticas: características e procedimentos**. Intervenção na Mesa Redonda Inicial do II Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos realizado na Universidade Sagrado Coração–Bauru/SP. 2004.

PEARCE, D. **Beyond the Limits**. Post Mills.. Chelsea Green Pub. Co. [S.l.]. 1992.

PEARCE, D. **Economic valuation and the natural world. Policy Research Working Paper Series 988**. The World Bank. [S.l.]. 1992.

- PERSSON, L. **Teoria da ação comunicativa e estudos organizacionais: uma reflexão crítica**. Dissertação (Mestrado em Administração) FGV-EAESP, São Paulo, 1992.
- PERUZZO, C. M. Organizational Communication in the Third Sector: An Alternative Perspective. **Management Communication Quarterly** , 2009.
- PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, set/nov. 2001.
- PINTO, J. Comunicação organizacional ou comunicação no contexto das organizações?. In: OLIVEIRA, I.; SOARES, A. T. **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão, 2008.
- PINTO, J. M. D. R. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, Feb.Aug 1995.
- PRATES, A. **Organização e instituição no velho e no novo institucionalismo**. In: RODRIGUES, S.; CUNHA, M. Novas perspectivas na administração de empresas: uma coletânea luso-brasileira. São Paulo: Iglu, 2000.
- PRIMO, A. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVI**, Belo Horizonte, 2003.
- PUTNAM, L. P. N. E. C. P. Metáforas da comunicação organizacional. In: CLEGG STEWART R. HARDY, C. E. N. W. R. **Handbook de estudos organizacionais. Ação e análise organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2004. v. 3.
- PUTNAM, L. Paradigms for organizational communication research: An overview and synthesis. **The Western Journal of Speech Communication**, v. 46, n. 2, p. 193-206 1982.
- RATTNER, H. **Liderança para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Nobel, 1999.
- RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I.M. (Org.) **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003. p. 76–97.
- RAYNAUT, C.; LANA, P. C.; ZANONI, M.. Pesquisa e formação na área do meio ambiente e desenvolvimento: novos quadros de pensamento, novas formas de avaliação.. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, p. 71-81, Jan./Jun. 2000.
- RAYNAUT, C.; LANA, P. D. C.; ZANONI, M. Pesquisa e formação na área do meio ambiente e desenvolvimento: novos quadros de pensamento, novas formas de avaliação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, p. 71-81, jan./jun. 2000.
- REDCLIF, M. Sustainable development (1987-2005) – an oxymoron comes of age. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 65-84, jan./jul. 2006.

REED, M. Teorização Organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, S. H. C.; WALTER., N. **Handbook de estudos organizacionais: reflexão e novas direções**. São Paulo : Atlas, 1999.

RESTREPO, M. **Comunicación para la dinámica organizacional**. Signo y Pensamiento, n. 26 (XIV). Colombia: Universidad Javeriana: Facultad de Comunicación y Lenguaje. 1995.

RIBEIRO, R.; MARCHIORI, M.; CONTANI, M. Comunicação e reflexividade nas organizações. In: MARCHIORI, M. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Su: Difusão, 2010. V. 2.

RICH, M. H.; CRAIG, R. T. Habermas and Bateson in a World Gone M.A.D.: Metacommunication, Paradox, and the Inverted Speech Situation. **Communication Theory**, p. 383-402, 2012.

RODRIGUES, M. L. P. Demandas Sociais versus crise de Financiamento: o papel do Terceiro Setor no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, set/out 1998.

ROESCH, S. **Projetos de estágio e pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de casos**. São Paulo: Atlas, 2005.

RUSCHEINSKY, A. No conflito das interpretações: o enredo da sustentabilidade. **Sustentabilidade: uma paixão em movimento**, Porto Alegre: Sulina, p. 15-33, 2004.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SANDRONI, P. **Dicionário de administração e finanças**. São Paulo: Best Seller, 1996.

SANTANA, C. L. **Redes sociais na internet: Potencializando Interações Sociais**, 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/ensaio-05-camila.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

SANTOS, L. G.; ROSSONI, L. U.; MACHADO-DA-SILVA, C. Condicionantes estruturais dos relacionamentos intraorganizacionais: uma análise da influência sobre relações de comunicação e decisão. **Revista de Administração da Mackenzie - RAM**, v. 12, n. 1, p. 139-168, 2011.

SAUDER, M. I Symbols and contexts: an interactionist approach to the study of social status. **The Sociological Quarterly**, v. 46, n. 2, p. 279-298, 2005.

SCHULTINK, G. Evaluation of Sustainable Development Alternatives: Relevant Concept, Resource Assessment, Approaches and Comparative Spatial Indicators. **International Journal of Environmental Studies**, v. 41, 1992.

SCROFERNEKER, C. M. A. Trajetórias teórico-conceituais da Comunicação Organizacional. **Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, Dezembro 2006.

SHRIBERG, M. Sustainability management in campus housing: a case study at the University of Michigan. **Internacional Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 1, n. 2, p. 137-153, 2000.

SIGNATES, L. **A filosofia espírita da fé raciocinada**. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVA, N.; ZANELLI, J. C. Cultura organizacional. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmer, 2004.

SOUZA, R. F. D. George Herbert Mead: Contribuições para a História da Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 369-378, 2011.

SPANOS, Y.; PRASTACOS, G. Understanding organizational capabilities: towards a conceptual framework. **Journal of Knowledge Management**, v. 8, n. 3, p. 31-43, 2004.

STRONG, M. **Required Global Changes: Close Linkages Between Environmental and Development**. IUCD by California Institute for public Affairs. Califórnia. 1995.

TAYLOR, J.; CASALI, A. Comunicação: o olhar da “Escola de Montreal” sobre o fenômeno organizacional.. In: MARCHIORI, M. **Comunicação e Organização: reflexões, processos e práticas**. São Caetano do Sul: Difusão, 2010.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis (Rio J.)**, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.

TREZZA, M. C. S. F. **Construindo através da doença possibilidades de sua libertação para uma outra forma de viver: um modelo teórico representativo da experiência de pessoas que tiveram câncer**. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

TRIGUEIRO, O. O Estudo Científico da Comunicação: Avanços Teóricos e Metodológicos Ensejados Pela Escola Latino-Americana. **PLCA**, jan/mar 2001.

UEHARA, T. H. K. **Desempenho de projetos de gestão ambiental pública: parcerias entre o Estado de São Paulo e organizações sem fins lucrativos**. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental), Instituto de Eletrotécnica e Energia, Universidade de, 2010. 230.

VELHO, G. Goffman, Mal-Entendidos E Riscos Interacionais. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, v. 23, 2008.

VERGARA, S. C.; BRANCO, P. D. Empresa humanizada: a organização necessária e possível. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 20-30, 2001.

- VERGARA, S.; CALDAS, M. Paradigma Interpretacionista: Em busca da superação do objetivismo funcionalista dos anos 1980 e 1990.. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. **Teoria das organizações**. São Paulo : Atlas, 2007.
- VIZEU, F. Ação Comunicativa e Estudos Organizacionais. **RAE**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 10-21, 2005.
- VIZEU, F. Poder, conflito e distorção comunicativa nas organizações contemporâneas.. In: MARCHIORI, M. **Comunicação e Organização: Reflexões, Processos e Práticas**. São Caetano do Sul: Difusora, 2010. p. 251-268.
- VOS, R. Defining sustainability: a conceptual orientation. **Journal of Chemical Technology and Biotechnology**, v. 82, p. 334-339, 2007.
- WEHRENFENNIG, D. Conflict Management and Communicative Action: Second-Track Diplomacy from a Habermasian Perspective. **Communication Theory**, p. 356-375, 2008.
- YIN, R. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- ZAMBON, B. P.; RICCO, A. S. **Sustentabilidade empresarial: uma oportunidade para novos negócios**. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A
Carta Convite aos Membros da ONG MAE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

Grupo de Pesquisa Faces da Cultura e da Comunicação Organizacional -
GEFACESCOM

Londrina, 27 de novembro de 2013.

Prezado senhor Membro da ONG MAE,

Convidamos a participar de uma reunião para discutirmos a respeito do projeto arco norte, programada para o dia 04 de dezembro, quarta-feira, das 18h as 19h30, na Universidade Estadual de Londrina na sala de reuniões localizada na direção geral do CESA – Centro de Estudos Sociais Aplicados.

Estaremos reunindo os membros dos grupos de pesquisa GEA E GTA, para podermos a partir dessas opiniões, desenvolvermos nosso trabalho de pesquisa.

Entraremos em contato por telefone para obtermos a concordância ou não de sua participação nesta reunião.

Programa da reunião:
17h45 receptivo
18h inicio da discussão sobre projeto arco norte
19h30 encerramento da reunião

Sua participação é primordial para o sucesso de nossas atividades no grupo de pesquisa.

Cordialmente

Fernanda Gisele Basso, acadêmica de Mestrado em Administração,
fernandabasso88@gmail.com / 43 96890071.

APÊNDICE B
Carta Convite AOS LÍDERES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

Grupo de Pesquisa Faces da Cultura e da Comunicação Organizacional -
GEFACESCOM

Londrina, 27 de novembro de 2013.

Prezado senhor Líder da região de Londrina,

Convidamos a participar de uma reunião para discutirmos a respeito do projeto arco norte, programada para o dia 05 de dezembro, quinta-feira, das 18h as 19h30, na Universidade Estadual de Londrina na sala de reuniões localizada na direção geral do CESA – Centro de Estudos Sociais Aplicados.

Estaremos reunindo lideranças de diferentes segmentos, para podermos a partir dessas opiniões, desenvolvermos nosso trabalho de pesquisa.

Entraremos em contato por telefone para obtermos a concordância ou não de sua participação nesta reunião.

Programa da reunião:
17h45 receptivo
18h início da discussão sobre projeto arco norte
19h30 encerramento da reunião

Sua participação é primordial para o sucesso de nossas atividades no grupo de pesquisa.

Cordialmente

Fernanda Gisele Basso, acadêmica de Mestrado em Administração,
fernandabasso88@gmail.com / 43 96890071.

ANEXOS

Anexo A
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa:

“OS PROCESSOS INTERACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NA ONG MAE”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa “**OS PROCESSOS INTERACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA ONG MAE**”, realizada em Londrina. A sua participação é muito importante e se daria da seguinte forma: preenchimento do formulário de identificação e posterior entrevista coletiva com mais 9 participantes, em forma de grupo focal (técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativa), respondendo oralmente às questões conduzidas pela pesquisadora.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Informamos que toda a entrevista será gravada por um gravador de voz e filmada por filmadora de áudio e vídeo. Ao final da pesquisa os registros gravados e filmados serão totalmente destruídos.

Essa pesquisa não oferece riscos aos participantes.

Informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de esclarecimentos entre em contato conosco (Fernanda Gisele Basso (43) 9689-0071 – fernandabasso88@gmail.com) ou procure o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60, telefone 3371-2490. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas entregue a você, devidamente preenchida e assinada.

Londrina, ____ de _____ de 2013.

Fernanda Gisele Basso

RG: 10.127.326-1 –SPSS/PR

_____, tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Londrina, ____ de _____ de 2013.